np

ANO IX — 1967 — Nº 9/9 — NCr$ 0,70

Miram Pinto Setembro/67

DIV. PATR. HIST. E CULTURAL - MARINGÁ - PR

EDUCAÇÃO É META PRIORITÁRIA

DIV. PATR. HIST. E CULTURAL - MARINGÁ - PR

UM BANCO QUEBRA TABUS

CARANGUEIJOS NO BALAIO DA ARENA

A DUPLA VIDA DO BARNABÉ PINTOR

Qual o primeiro pôrto brasileiro aprovado no "teste de investimento" do BID?

PARANAGUÁ

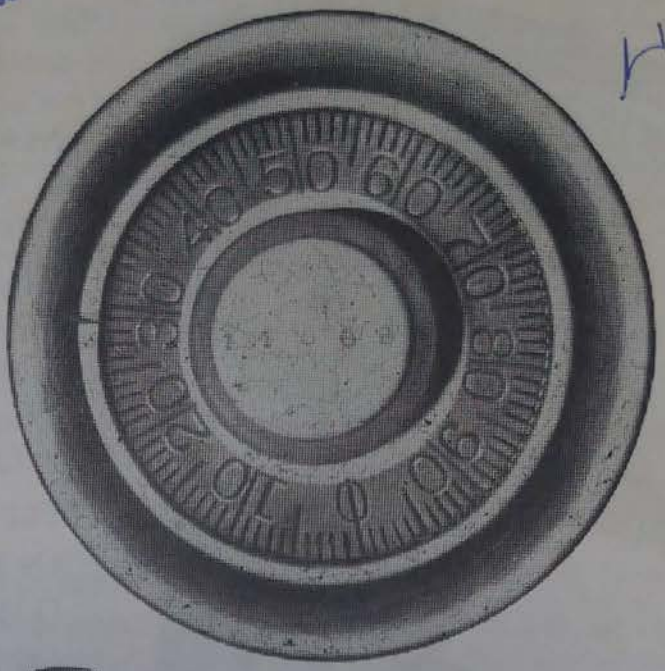
É com orgulho que anunciamos esta vitória. Nosso "Plano de Expansão e Melhoramentos", a ser realizado até 1969, aplicará 11,9 milhões de dólares em dragagens, ampliações do cais geral e de combustíveis e construção de silos para cereais. O Banco Interamericano de Desenvolvimento — BID, aprovou nossos projetos e já contratou os financiamentos necessários à realização das obras. Êste é o primeiro programa portuário financiado pelo BID no Brasil. É o segundo da América Latina. O esfôrço que estamos desenvolvendo é a resposta ao desafio de uma vasta região continental, ávida de progresso — incluindo a República do Paraguai, para a qual somos "pôrto livre". Estamos orgulhosos. Estamos cumprindo um programa de govêrno — do Govêrno do Estado do Paraná, e do Govêrno Federal, através do Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis do Ministério da Viação e Obras Públicas. E estamos realizando a nossa vocação geográfica de grande pôrto da região Extremo-Sul brasileira.

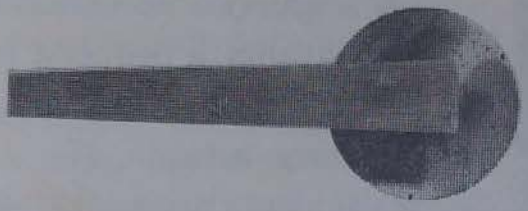
ADMINISTRAÇÃO DOS PORTOS DE

PARANAGUÁ E ANTONINA

Paranaguá - Paraná
Escritório em Curitiba - Edifício ASA
Rua Voluntários da Pátria 475, 1º andar, sala 6,
fone 4-9010, ramal 76
Escritório em São Paulo - Rua Conselheiro
Crispiniano 344, 7º andar, sala 705, fone 33-1343

Prefeitura do Município de Maringá
SECRETARIA DE CULTURA
DIVISÃO DE PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E CULTURAL





nosso maior capital: confiança

Confiança depositada por um número crescente de correntistas que têm certeza de que o Banco do Estado do Paraná exercerá o mais escrupuloso zêlo na aplicação de seus haveres, além de se esmerar no atendimento eficiente, rápido e cortês.

Banco do Estado do Parana s/a

PARANA
AQUI SE TRABALHA

CAPA — No sorriso da criança as esperanças de um Brasil melhor. É a mensagem de nossa capa dêsse mês, onde colegiais paranaenses parecem dizer "obrigado" ao esfôrço que se faz em nosso Estado para liquidar com o analfabetismo, para melhorar o ensino, para dar a todos os jovens os instrumentos e as armas que lhes permitirão enfrentar a vida com igualdade de oportunidades. Conceito fundamental de Democracia.

Nêste Número:

Destaques, 4

Dezembro: balanço de festas e conquistas, 6

O trem chegou em Jussara, 10

Doutor Camargo, a espera do asfalto, 14

Tapejara, o Senhor dos Caminhos, 18

Os primórdios da autonomia, 28

O Banco que superou a crise, 30

Carangueijos no balaio da Arena, 36

Umuarama, a pequena metrópole, 40

René, sempre colorindo o tédio, 44

A última estação, 47

O otimismo necessário, 48

np — NÔVO PARANÁ: Publicação Mensal de propriedade da Editôra Norparaná. Escritório Central: CURITIBA — Rua do Rosário, 126 — Tel.: 4-7162. LONDRINA: Encarregado — DANIEL GONÇALVES — Edifício Sahão — conj. 106 — Tel.: 125. MARINGÁ: Av. Getúlio Vargas, 266 — 6º andar — conj. 609 — Tel.: 2188 — Cx. Postal, 247. PARANAGUÁ: Encarregado MAURICIO VITOR DE SOUZA — Edifício Itiberê — conj. 1 — aptº 6 — Rua Manuel Bonifácio, 356. SÃO PAULO: Rua Maracaí, 114 — casa 6 — Tel.: 63-7870. RIO DE JANEIRO: Rêde Paranaense de Rádio Ltda.: Av. Getúlio Vargas, 392 — conj. 306 — Tel.: 23-4586. PORTO ALEGRE: Rêde Paranaense de Rádio Ltda. — Edifício Formac — 14º andar — conj. 144. Diretor Responsável: ARISTEU BRANDESPIM. Redator-Chefe: SAMUEL GUIMARÃES DA COSTA. Editor: M. CAVALCANTI. Supervisão Técnica: AGÊNCIA DE ASSESSORAMENTO TÉCNICO — CURITIBA. A direção não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos assinados, nem devolve originais quer sejam ou não publicados.

O DESFILE DAS RAÇAS — Tôdas as raças. Raças que ajudaram a construir o Paraná de hoje. Nos municípios do interior do Estado que comemoraram em dezembro a data de emancipação política, as etnias que se incorporaram ao nativo na luta pelo progresso e pelo desenvolvimento tiveram a sua participação entusiástica nos festejos realizados. A foto foi tomada em Paranavaí. A nisei, caracterizada com trajes típicos de seu povo de origem, é bem um símbolo do Paraná moderno. Retrata o amor à terra pátria e o respeito às tradições de seus maiores.

ESTADO DO IGUAÇU, UMA VELHACARIA

Só quem não conhece a história política do Brasil é capaz de cometer a insensatez de encorajar movimentos separatistas, no seio dos Estados brasileiros, que se definiram territorialmente sob a inspiração de fatos ponderáveis e, por isso mesmo, têm um patrimônio a defender.

NO Paraná, por mais de uma vez, se têm levantado a idéia da criação do Estado do Iguaçu, abrangendo, mais ou menos, a área do extinto Território do mesmo nome.

NÃO é uma idéia que surge na comunidade de gauchos e catarinenses, responsáveis pela colonização e pelo progresso do Sudoeste do Oeste paranaense. É uma idéia de aventureiros, sem maiores serviços e sem maior tradição política na região, interessados apenas em explorar algumas insatisfações locais para, na crista delas, projetar-se e acenar aos incautos com a possibilidade de um govêrno próprio, que seria a salvação única para todos os seus males de ordem pública.

CHOCA constatar que miúda agitação separatista dessa natureza ocorra justamente no curso de um Govêrno, a cuja frente se encontra um jovem homem público do interior, que tendo participado do esfôrço de pioneirismo e de desbravamento dêsse pujante Nôvo Paraná, teve o apoio de todos os pioneiros bem intencionados para chegar ao poder.

TRATA-SE de um Governador que tem como preocupação maior a de aproximar o Paraná de si mesmo, com a realização de um ousado programa de rodovias, de produção e distribuição de energia elétrica, de implantação de um arrojado sistema de telecomunicações, de saneamento, de educação e de saúde pública, como nenhum outro jamais concebeu no Paraná.

POIS é exatamente numa hora dessas que alguns levianos se propõem a sabotar o esfôrço do Govêrno, lançando a divisão, a intriga, a ambição e a disidia sôbre a família paranaense, num trabalho de perfeito velhaco.

E' claro que o episódio não tem maiores conseqüências, porque o Paraná não admitirá movimento de qualquer espécie que vise transformá-lo numa casa dividida contra si mesma.

MAS o fato encerra uma lição, especialmente quando se espalha por aí a notícia de que a bancada federal de outros Estados do Sul, inclusive a gaucha, estaria encorajando essa idéia marota de criação do Estado do Iguaçu.

E' a lição do despeito, do temor, da inveja e da maldade, dos que estariam enciumados com a idéia que um dia o Governador Paulo Pimentel — talvez mal ou bem inspirado, não sei, a respeito da pujança crescente de seu Paraná — lançou no sentido de fazer dêle, até 1970, o segundo Estado da Federação.

PARA que êle não seja o segundo, o melhor seria quem sabe dividí-lo e enfraquecê-lo, transformando um Estado realmente rico em dois certamente pobres ou miseráveis, onerados por duas máquinas burocráticas, por dois orçamentos, quando se sabe que a máquina atual já é cara e que o atual orçamento mal dá para sustentação do que a iniciativa privada constroi com sua capacidade empreendedora.

O REDATOR CHEFE

DESTAQUES

CASAMENTO EM TUPI PAULISTA — Mais um jornalista que casa. Mussa José Assis e Guiomar Zerbeto disseram "sim" dia 23 de dezembro, em Tupi Paulista, Estado de São Paulo, na Igreja Nossa Senhora da Glória. Foram padrinhos da noiva Oswaldo e Rose Zerbeto. Do noivo, Paulo e Iracy Assis, irmãos de Mussa. A lua de mel foi em Punta del Este.

ZÉ VAZ E DR. ASSIZ LEGENDAS REGIONAIS

JOSÉ VAZ DE CARVALHO e FRANCISCO DE ASSIZ PINHEIRO, prefeitos de Paranavaí e Loanda, são candidatos às próximas eleições. O primeiro a vice governador do Estado e o segundo a deputado estadual. ZÉ VAZ pretende dar a arrancada mais expressiva de sua administração a partir de 1968. O prefeito de Loanda vai usar a tônica também da liderança regional e a sua Feira Pecuária está mais ou menos dentro do espírito da luta que pretende desenvolver daqui para a frente.

MUSEU SUSPENSO NA PONTE VELHA

MAXIMIANO PFIFER, prefeito de Rio Negro, ante a promessa dos governos estadual e federal da construção de nova ponte ligando a cidade a Mafra, pretende aproveitar a atual como museu suspenso. A estrutura da referida ponte, que une Paraná e Santa Catarina desde 1886, é de ferro, construida na Alemanha e destinava-se a uma das colônias do Império Germânico no continente africano. Por motivos diversos veio parar aquí.

POLÍTICA GLOBAL DE INVESTIMENTOS

Política global de investimentos, como conseqüência da transformação da CODEPAR em banco, será uma das preocupações fundamentais do presidente da emprêsa JAYRO ORTIZ GOMES DE OLIVEIRA. Mais de 200 milhões de cruzeiros novos são exigidos anualmente para que o Estado mantenha as taxas normais de crescimento e a luta para obter tais recursos vai se processar em vários fronts. O diagnóstico do setor industrial, para que se conheça as tendências do Estado, é outro ponto de destaque do programa de Jayro.

REFLORESTAMENTO: MAIS 100 PROJETOS

LUIZ ALBERTO LANGER, delegado regional do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, está satisfeito com o número de projetos de reflorestamento encaminhados em 1967 como resultado da política de incentivos fiscais (50% da dedução do impôsto de renda). Mais de cem projetos foram encaminhados, sendo que a metade já está aprovada. Ainda sôbre reflorestamento: os viveiros modelos de Maringá, Mandaguari e Jacarezinho somados à produção dos parques de Vila Velha, do Monge e do Caxambú em Castro produzem 3 milhões e 400 mil novas mudas anuais.

SETE ESTADOS VIRÃO Á FEIRA

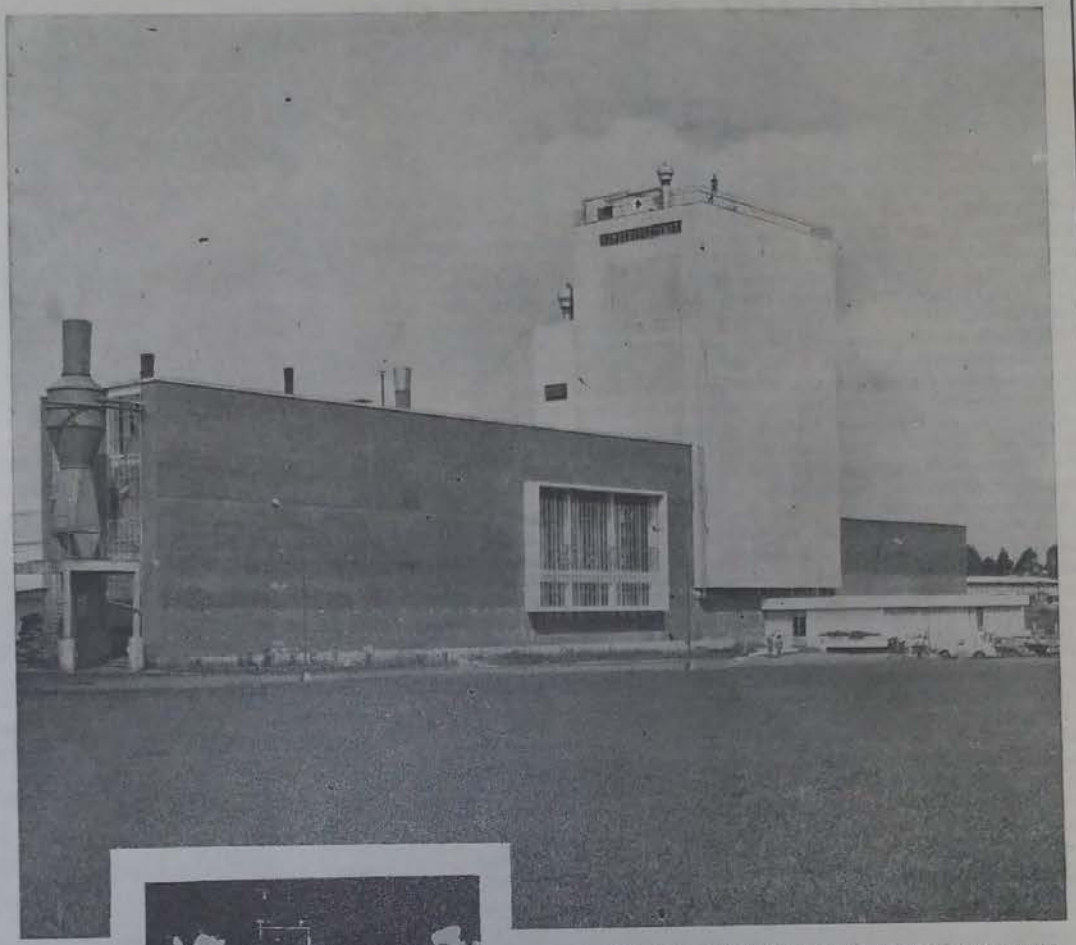
Criadores gauchos, catarinenses, paulistas, fluminenses, matogrossenses, baianos e paranaenses participarão da II^{a} Exposição Feira "Governador Paulo Pimentel" e 4^{a} Exposição Feira de Animais e Produtos Derivados a ter lugar de 16 a 24 de março no Parque Castelo Branco. O secretário OSCAR FELIPE DO AMARAL inspeciona diàriamente as obras que se desenvolvem no Canguiri e pretende que o certame êste ano venha a bater todos os recordes em animais inscritos (mais de 1.500) e visitação pública (1 milhão de pessoas). Os excelentes cartazes da mostra foram feitos pelo "Gri-Studio", obra de Desidério Pansera.

ANUNCIE NA

FÔLHA DO NORTE DO PARANÁ

COBERTURA TOTAL DE TODO O NORTE DO ESTADO

MARINGÁ



ESTA É UMA DAS 370 INDÚSTRIAS QUE RECEBERAM DECIDIDO APOIO DO GOVÊRNO ESTADUAL, ATRAVÉS DA ASSISTÊNCIA TÉCNICA E FINANCEIRA DA COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO PARANÁ - **CODEPAR.**
APOIO INTENSIFICADO PELA ADMINISTRAÇÃO PAULO PIMENTEL PARA ACELERAR O RITMO DA INDUSTRIALIZAÇÃO E CRIAR MAIS EMPREGOS, GERAR MAIS RIQUEZAS E DINAMIZAR TODOS OS DEMAIS SETORES DE ATIVIDADES.

O PARANÁ DE HOJE É UMA SÍNTESE DO BRASIL DE AMANHÃ

CODEPAR

GOVÊRNO
PAULO
PIMENTEL

MAIS INDÚSTRIAS NO PARANÁ

DEZEMBRO:

tempo de festa, mas também de amargura

Texto de LUIZ G. MAZZA

De dezembro o que se pode dizer é que mais uma vez o presépio inspirou a salvação pelo amor com o Papa Paulo VI tomando posição objetiva pela paz no Vietnã e os bispos brasileiros defendendo a tese da distribuição de suas terras entre camponeses. Foi tempo de festas: dezenas de municípios festejaram aniversário. Mas as maiores foram em Paranavaí, Nova Esperança, Londrina, Mandaguaçu e tôdas com características assemelhadas — fanfarras, carros alegóricos, grupos étnicos, inauguração de obras públicas. O que provou que se cultiva em tôdas as regiões os mesmos valôres. E o amor às realizações ainda é um traço comum dos herdeiros do pioneirismo. O ministro Ivo Arzua andou pelo Estado e viu as opulentas safras e as repetições de dificuldades ameaçando os produtores — armazéns, financiamento, sementes, escoamento — inclusive na Capital do Feijão em Francisco Beltrão no sudoeste e no norte, onde inaugurou em Maringá uma agência do Banco do Crédito Cooperativo. No futebol, um do norte e outro do sul — o Grêmio e o Água Verde emocionaram a torcida com uma disputa sensacional — mas um gol de gênio de Russinho deu a vitória aos aguaverdeanos que há 50 anos perseguem o título. O Atlético de Paranavaí, jogando contra o Grêmio de Guarapuava, no dia do 148º aniversário daquela cidade e ante uma torcida numerosa, amargou as festas da Capital do centro oeste, ganhando o título da 1ª Divisão. Um presente de Natal, porém, para o nosso Estado foi a onda em favor da conclusão da Estrada de Ferro Central do Paraná que conta com todo o apoio do ministro Mário Andreazza. Os bingos continuaram funcionando a todo o vapor em cidades do norte, noroeste e centro oeste. Como, porém, já está havendo abusos — o excessivo número de sorteios sem qualquer contrôle — em Paranacity acabou ocorrendo um incidente sério: não foram vendidas tôdas as cartelas, o patrocinador quis dar uma de «sine die» e a multidão atirou-se contra um dos fuques, prometidos, queimando-o e depredando os outros quatro. O secretário de Segurança, desembargador Munhoz de Mello, tem feito seguidas advertências a respeito. O bingo, de qualquer forma, é uma prova de que o povo gosta de jogar e que faz disso uma festa quando está no norte do Paraná. Outros dois grandes acontecimentos: contactos seguidos entre Ney e Paulo, restabelecendo o que há de melhor como unidade de lideranças no Estado, o que ganhou significação especial à época do Natal e na entrada de 1968, e a inauguração da Televisão Iguaçu — Canal 4, uma das mais modernas do Brasil, com «shows» de Simona e Vandeca que tomaram conta do público.

VELHINHO AINDA COM INFLAÇÃO

O velhinho de Natal estabilizado, isto é livre da inflação, apesar de muito esperado pelos órgãos do govêrno, ainda não chegou. O último ainda trazia sinais acentuados de inflação. Em Curitiba a movimentação financeira de Natal e fim de ano foi muito grande na área das classes que habitualmente compram. O trânsito nas Lojas Americanas estêve sempre estrangulado, pois lá é que havia brinquedos de plástico e utensílios dêsse mesmo material, coisas mais procuradas. No norte paranaense — Maringá, Londrina, Paranavaí, Apucarana — houve movimentação boa do comércio, mas lá como no centro e sul o Natal serviu mais uma vez para mostrar como crescem os desajustes paranaenses e como aumentam os desgraçados. Apesar da campanha pró reflorestamento, milhares de pinheirinhos foram vendidos, conquanto a ameaça apocalíptica ainda perdure: em 10 anos desaparecem as nossas reservas florestais. O ano fechava com reveillons nas áreas elegantes: em clubes elegantes da Capital a mesa custava NCr$ 45 e numa reunião fechadíssima no Restaurante Bavária cada convidado pagava NCr$ 100. Para janeiro era anunciada a inauguração do asfalto Lapa-São Mateus, Rodovia do Xisto, em 83 quilômetros, uma estrada modêlo com pista de 7,20 metros de largura e acostamentos de 3,40 m em cada lado. Notícia ruim, porém, é o aumento de várias utilidades no começo de 1968. Bebidas e refrigerantes subirão cêrca de 10% e o cigarro de 35 a 60% conforme a marca. Para março está previsto o aumento do ICM e outros tributos o que, somado aos aumentos de funcionários públicos e de categorias profissionais, vai dar outro empurrãozinho no custo de vida. O que indica que no Carnaval haverá letras repetindo o velho tema de sempre da carestia.

Com as festas começou pràticamente a temporada de praia. É que a inflação ensina aos que têm casa nos balneários ser mais econômico fazer as festas à beira mar. Em janeiro vai estourar a lotação dos hotéis. Em Guaratuba (foto), Matinhos e Caiobá não há mais casas para alugar. E no outro lado da praia a sensação é Pontal do Sul com o seu excelente hotel e o crescimento assustador do número de construções.

E O AMANHÃ DE Zé GALINHA?

Zé Galinha — por que o apelido? — está caminhando há mais de duas horas sob o sol forte na estrada poeirenta. Leva uma garrafa com café e uma sacola com mantimentos para o seu pai, que trabalha na empreitada de uma fazenda perto de Paraíso do Norte. Os carros levantam nuvens de poeiras, mas Zé Galinha e seu companheiro de tôdas as horas, um fox mestiço, continuam a sua marcha de infantaria nessa guerra diária que é o viver na agricultura.

Há milhares de meninos como êle — 12 ou 13 anos de idade — na mesma situação. O Paraná já é a terceira potência agrícola do país, êle ajuda a construí-la, mas até aqui recebeu pouco em troca. Está na escola, mas o que aprende não o habilitará para continuar estudando, pois cursa uma unidade isolada. Ademais o seu braço já é convocado para a lavoura, quando não está em aulas ou nos raros momentos de folga. Vai, dentro em pouco, se dedicar inteiramente ao campo. Se ao menos na escola êle tivesse aprendido coisas que mudassem o modo de plantar e de colhêr para melhor, um jeito de viver menos sofrido, ainda compensava o sacrifício. Mas Zé Galinha — êle declinou na estrada o seu apelido como quem diz o próprio nome ou como quem indica uma legenda — não tem uma sombra sequer de amargura no rosto um pouco branco, vestígio de verminose. Êle confia no que está fazendo, vê que as coisas melhoram ainda que lentamente e sabe que pode fazer muito, desde que não o abandonem. Sua presença na estrada, com o cão inseparável, é tradução de um estado de coisas comum a quase todo o Estado na zona rural. Todo o mundo é consciente disso, mas o quadro merece reflexão quando se mexe no dia 1º do calendário. Zé Galinha existe, como existem os versos que poderiam lhe ser dedicados, e êle é uma parcela numerosa de um Paraná sofrido.

CENTRAL, O RUMO CERTO DO TRILHO

Quando o trem da RVPSC chegava pela primeira vez em Jussara, voltava-se por fôrça do acontecimento a pensar na Central do Paraná. E' que são assuntos que correm no mesmo trilho e lamentàvelmente no mesmo ritmo tartaruga. Mas junto com a boa nova de que o ramal Ourinhos-Guaira-Pôrto Mendes chegaria até Cianorte em 1968, caso se vença a ponte sôbre o rio Ligeiro até lá, o ministro Mário Andreazza e o secretário de Viação, José Miro Guimarães, acertavam os ponteiros para que haja recursos externos destinados ao financiamento da conclusão da central, que reduzirá em 294 quilômetros a distância entre Ponta Grossa e Apucarana. O ministro dos Transportes tem esquema para conclusão da obra em 30 meses. O economista Luiz Antonio Fayet, da CODEPAR, em estudo recente provou que com ela o atual movimento de mercadorias se faria com menos da metade dos trens, a metade dos vagões e um quarto das locomotivas. Economia de 4,4 milhões de cruzeiros novos ou uma redução de 21,7% no déficit atual de NCr$ 20,3 milhões. Só a operação do nôvo trecho, sem considerar a hipótese de outras medidas que melhorassem a economia da RVPSC, eliminaria a partir do sexto ano qualquer vestígio de déficit. Nesse estudo, considerado conservador, preve-se para daqui 10 anos a demanda global de transporte no eixo Apucarana-Ponta Grossa beirando a 4 milhões de toneladas. Só de mercadorias a granel, considerada a mais adequada para viajar em trem, espera-se 3 milhões de toneladas para 1968.

ESTATÍSTICA NO PARANÁ É UM NÚMERO

Da guerrilha entre o cérebro eletrônico e a Despesa Fixa, na questão do preparo das fôlhas de pagamento do funcionalismo estadual, ficou demonstrado que o ingresso do oficialismo na cibernética tende a ser cada vez mais acidentado. O fato é que o carissimo computador eletrônico, operado pela CELEPAR e destinado a atender o govêrno e também solicitações do setor privado, continua ocioso, com um aproveitamento de menos de 20% de sua capacidade. Duas questões elementares foram esquecidas pelo poder público: em primeiro lugar a de que se o cérebro se alimenta de dados e êstes são escassos e elaborados em padrões tecnológicos primários o aparelho está com fome e em segundo que não se implanta uma técnica superior sem que os seus operadores dominem plenamente o mecanismo da anterior.

As estatísticas no Paraná que poderiam agora mais do que nunca se aproximar da realidade, pois elas aqui nascem superadas, entram numa nova etapa de crise. Justamente quando o Departaemnto Estadual de Estatística, em que pese as tremendas dificuldades que enfrenta com a escassês de material e equipamento e de pessoal treinado, vem produzindo ôtimos trabalhos, mais atualizados e não com cinco anos de atraso como fazia.

Adquirindo o cérebro sem melhorar as condições operacionais do DEE, o govêrno ingressou pelo perigoso caminho da ficção científica, já que o aparêlho, conforme o atual governador constatou, faz cálculos espetaculares sôbre a ida e volta de foguetes em viagens siderais sem ou com escala mas não põe em dia as contas do funcionalismo. O «pito», dado com aquela franqueza característica do governador Paulo Pimentel, funcionou como óleo em engrenagem: a CELEPAR resolveu sistematizar a sua programação e começou a pagar com regularidade setores amplos do funcionalismo como o DER e a Secretaria de Educação, êste bastante complexo ante o número de consignações e de registros em cada ficha funcional. Mas o Paraná espera mais do cérebro inclusive para aperfeiçoar o conhecimento de si próprio e para oferecer dados seguros destinados ao planejamento econômico e social.

Em agôsto o computador operou fôlhas de pagamento, dentro de prazos recordes, da Secretaria de Educação, dos inativos pensionistas e pessoal em disponibilidade. Providências acertadas pelo Secretário da Fazenda fizeram com que sobrasse fosfato para o cérebro que assim, entrosado pouco a pouco à realidade de nossa estrutura político-administrativa, começa a dar sinais de que até o fim do ano estará com o seu QI dando tudo.

SE AQUÍ SE TRABALHA AQUI TAMBÉM SE FESTEJA

Dezembro provou o óbvio: o homem do norte paranaense é um festeiro. Tanto nos motivos cívicos como nos religiosos, o povo saiu às ruas para festejar. E quando não eram êsses motivos, mas apenas um bingo, ainda se via que o homem do norte é, antes de tudo, um festivo. Alguns sociólogos de beira de calçada já justificaram o fenômeno: necessidade de evasão, de ruptura com a rotina diária e neurotizante dos negócios e dos afazeres que se processam numa velocidade que assusta o homem do sul e do oeste. Para um povo que gosta de extroverter-se nessas oportunidades, o gôsto fica, a cada instante, mais exigente. O futebol tem que ser melhor jogado, o bingo oferecer mais atrações além dos fuques, a pescaria melhores peixes, os desfiles com fanfarras cada vez mais afiadas e carros alegóricos mais originais. Em Nova Esperança — nota dez para o cartaz propaganda dos anos da cidade, feito por Wilson Andrade, o Espigão, que vai ganhar cidadania honorária de Loanda por ter bolado a bota das sete léguas — o espetáculo foi deslumbrante e houve até uma situação politicamente delicada quando se disse que Paulo e Ney iam se encontrar por lá, mas quem quase se encontrou com o senador acabou sendo o secretário de Viação, em quem muitos teimam vêr um candidato à sucessão. Já em Paranavaí a festa dos 15 anos marcou acontecimentos excepcionais: inauguração de obras do município, do Estado (armazem da Copasa), títulos de cidadania honorária a Paulo Pimentel e a Walter Lazarini, secretário do GERCA. Em tôdas as cidades havia traços comuns: fanfarras, etnias, carros alegóricos. Em Mandaguaçu e em Londrina, cuja festa serviu para projetá-la como segundo pôlo urbano do Paraná, apesar dos seus 33 anos de existência. Outras festas em Rolândia — programação excepcional que fêz lembrar a de Arapongas e nas cidades de Nova Esperança, Floraí, Borrazópolis, Japurá, e muitas outras mostraram que a gente do norte gosta de festa porque trabalha muito.

Em alguns casos, as comemorações trouxeram eventos marcantes como o de Paranavaí, por exemplo, onde na programação se fez duas competições uma entre violeiros e outra de conjuntos ie-ie-ie da região, o que é uma demonstração de cultura da parte do Prefeito que promove dois tipos de manifestações artísticas com sua linha própria.

O Campeão teve o mérito da maior regularidade e da recuperação experimentada assim que Geraldino assumiu o comando técnico.

ÁGUA VERDE BRILHA, GRÊMIOS PERDEM, ATLÉTICOS LUTAM

Água Verde é o campeão paranaense indiscutível de 1967. Bateu o Grêmio de Maringá por 1 a 0 na decisiva noturna no Durival de Brito depois de dois empates. Gremintes demonstraram no primeiro tempo da decisiva maior categoria, com ataques em massa, mas com a saída de Ademir Fragoso, substituido por Edgar que joga com as pernas anestesiadas, e a modificação do técnico Geraldino tirando Teteu que prendia o jôgo no meio do campo aguaverdeano, a partida pendeu totalmente para o time da Capital, limitando-se o Grêmio a defender-se. O craque máximo foi o goleiro Heitor, o artilheiro Russinho, o lateral Zé Carlos e o meia cancha Natal se sobressairam.

Ao Grêmio resta o consôlo de em seis anos ter obtido o tri-campeonato do norte, o bi e um vice estadual. Este ano, inclusive, a equipe chegou a lutar a certa altura para fugir à desclassificação.

Outro Grêmio que perdeu no último instante foi o de Guarapuava ao disputar com o Atlético de Paranavaí em seus domínios no dia do 14º aniversário da cidade e quando se recuperava o esplendor das Cavalhadas. Pois apesar da torcida super motivada com a festa guarapuavana, das cavalhadas, o Atlético de Paranavaí venceu merecidamente por 2 a 1. Houve corre corre e frustração, mas o Atlético ainda acha que é preciso vencer uma outra batalha, fora dos campos de futebol, lá na Federação porque se conspira para fazer de normas regulamentares uma defesa intransponível à conquista da equipe interiorana. O próprio Estádio, incompleto e fora das exigências legais, virou um campo de luta de tôda a comunidade de Paranavaí. Trabalhando vinte e quatro horas por dia, pretende-se colocá-lo em condições com vestiários adequados, assistência para 5 mil pessoas e etc. E no etc. é que está o alho.

Por falar em Atlético, o de Curitiba, não se conforma com a desclassificação e como tem agora um presidente habilidoso, o Jofre Cabral Silva, tudo está sendo feito para evitar a sua saída da Especial. Transformou-se o problema inclusive em assunto político e como a quase totalidade de governadores do Paraná (Bento, Lupion, Ney), é constituída de atleticanos a reivindicação passou a ser dos líderes populares também. Mas para que essa luta não ficasse adstrita às cúpulas, fêz-se um plebiscito nas ruas no qual o povo disse não, de maneira esmagadora, à saída do rubro-negro. Só que não se explica o que se vai fazer uma vez aprovada a fórmula. O presidente Milani é obstinadamente defensor da Lei do Acesso e acha que modificá-la significa um retrocesso.

Humildade, educação e levado senso de liderança caracterizam Geraldino (Geraldo Damasceno).

ITAMBÉ AOS 6 ANOS: BÔLO REPRODUZ PRAÇA

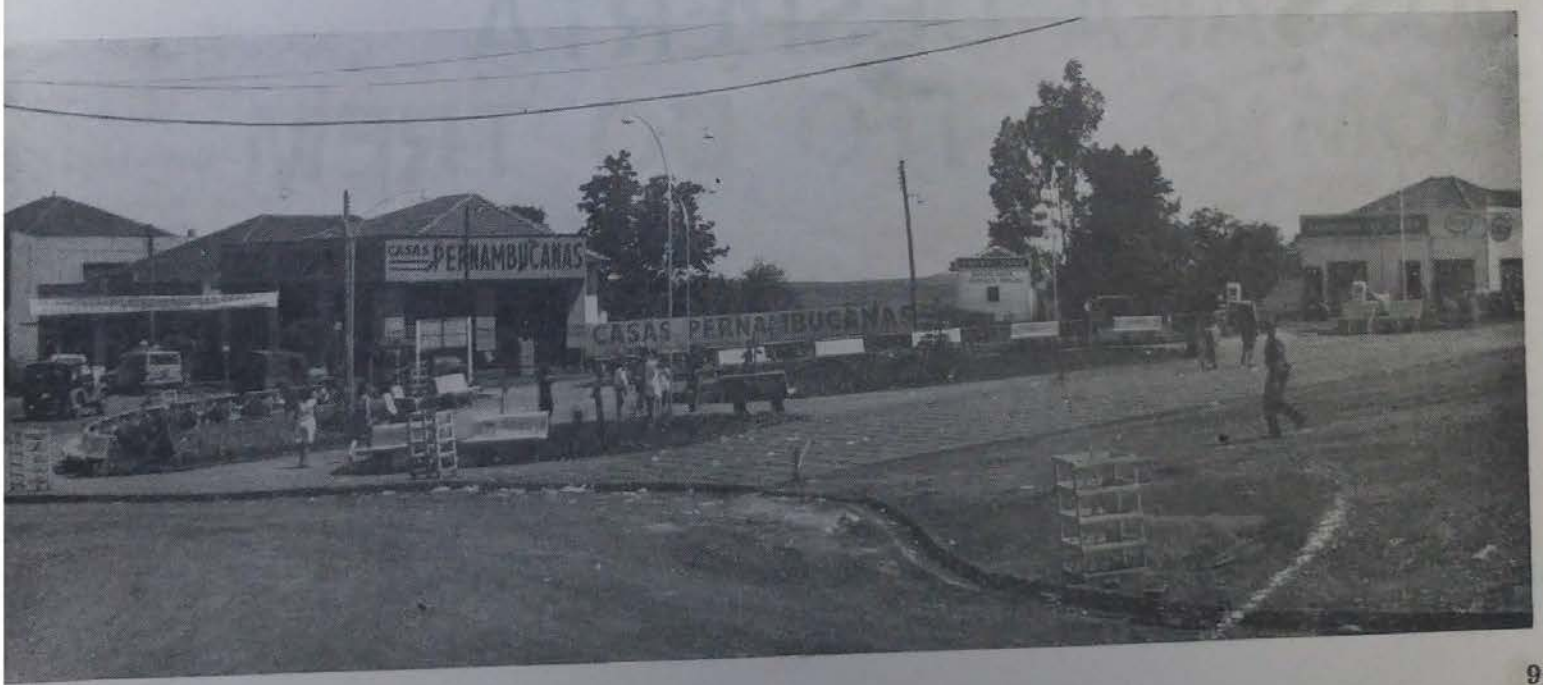
Doceiros e confeiteiros do norte paranaense tiveram muito trabalho em dezembro. É que além das festas de Natal e fim de ano houve o acúmulo dos aniversários de dezenas de municípios. Encomendas exóticas foram feitas como bolos de aniversário gigantes, outros reproduzindo aeroportos e estádios de futebol ou aspectos urbanísticos das cidades norte paranaenses.

O bôlo de aniversário de Itambé foi um caso à parte: feito pela Padaria Copacabana, de Maringá, êle reproduzia com extrema fidelidade a praça Rui Barbosa, inaugurada também naquele dia, que assinala o ingresso da cidade numa fase de conquista de equipamentos urbanísticos indispensáveis.

Até no pitoresco do episódio se nota a elevada dose de objetividade que marca a fase atual do municipalismo, voltado para realizações sérias.

Coincidentemente o prefeito Misdei Moreschi também comemorava o seu natalício, o que veio emprestar maior expressão às festividades que contaram com carros alegóricos, desfile de escolares e da fanfarra do ginásio estadual; homenagens especiais da Câmara ao prefeito (título de cidadão emérito), ao deputado Tulio Vargas (cidadão honorário) e aos pioneiros José Joaquim Pereira e Luiz Lopes, já falecidos, que tiveram ruas inauguradas com o seu nome.

Outra homenagem, destacada pelo pitoresco e que traduz as boas relações entre Executivo e Legislativo, foi a oferta de uma cadeira do papai ao prefeito Misdei Moreschi pelo presidente da Câmara, Gibsen Linhares Monteiro. Justificou o presente, dizendo que o prefeito trabalhava com muito ardor por sua cidade e que a cadeira era um reconhecimento disso como instrumento adequado de repouso.



Vencida a ponte rodo-ferroviária sôbre o Rio Ivaí pela primeira vez por uma composição completa e em tráfego não experimental. Dentro do trem ou nas estradas havia vibração intensa.

JUSSARA DESPERTA COM O APITO DO TREM

O trem cruzou a ponte sôbre o Ribeirão Ferraz em França Simões e lá do alto os passageiros sentiram-se como pioneiros de uma difícil façanha. É que a anterior fôra, por defeito de construção, demolida e posteriormente se construiu uma nova. Tratava-se de um obstáculo — chave na marcha da linha férrea que demanda a Guaíra e cuja última estação até então ficara em Doutor Camargo. O trem parou, autoridades e passageiros desceram para vêr de perto o obstáculo transposto. Lá embaixo na estrada de rodagem, como aliás ocorria ao longo de outros pontos da ferrovia, pequenas multidões acompanhavam a marcha da composição 1310.

O sonho novelesco da ferrovia que marcha desde 1929 — época do assentamento dos trilhos de Cambará — e vem sendo aguardado como um acontecimento excepcional vencera mais 33 quilômetros, agora da estação de Doutor Camargo até Jussara. Levou exatamente 2 anos para vencer os trinta e três quilômetros. De qualquer forma é um empurrão bem recebido, pois os trilhos já haviam chegado a Maringá há treze anos.

Muita coisa estranha ocorreu e vem acontecendo na implantação da ferrovia, que sofre as vicissitudes das variáveis estratégias de transportes dos governos federais. Uma dessas coisas é o obstáculo do rio Ligeiro, onde se construiu uma ponte que acabou condenada. Grupos especialistas em construção de obras de arte opinaram a respeito do assunto e a orientação vitoriosa foi a de reforçar, por técnicas especiais, aquêle engenho que surge como dificuldade maior para os trilhos chegarem a Cianorte. Segundo o pessoal da Rêde Ferroviária Federal, Cianorte poderá viver, no ano que vem, em dezembro, as emoções que em 1967 foram de Jussara: a chegada do trem.

CRIANÇAS JÁ PODEM SONHAR QUE COMANDAM TRENS E VENCEM O ABISMO DA PONTE

Neste fim de ano os pais de Jussara não ficaram surpreendidos com as cartinhas e os pedidos a Papai Noel: até muitas meninas queriam ganhar o seu trenzinho, desde os de madeira e de matéria plástica aos elétricos. É que a sensibilidade das crianças, como também a dos adultos, está fortemente marcada por um fato nôvo ocorrido nas festas do 12º aniversário da cidade: a chegada do primeiro trem.

Desde 9 de dezembro nada há naquela cidade que supere o interêsse despertado pela estação ferroviária. Tanto nas horas de saída e chegada de trens — 8 e 20 horas — como nos instantes de manobras de cargas a pequena estação ferroviária, de madeira, ainda desprovida de instalações complementares para depósitos e armazéns, é uma atração excepcional.

A estação trouxe novas perspectivas e isso está presente nessa aspiração muito comum entre as crianças nos numerosos voluntários a futuros chefes de trem, e guarda-chaves, no anseio de comunicar-se com outras cidades das pessoas maiores e na já apreciável movimentação de cargas que abre uma nova fonte de recursos para escoamento do potencial agrícola da região.

Poèticamente a estaçãozinha ferroviária é uma usina de sonhos, de atendimento a aspirações secretas de cada um: o que deseja estudar na cidade maior, a que espera o namorado e o menino que olha o trem, ainda que movido a diesel e correndo em bitola estreita, como a chegada do progresso e da técnica numa região dominada pela atividade agropecuária. Econômicamente abre campos promissores: em menos de uma semana foram embarcados cinco vagões de milho para Bernardino de Campos. E começou também o movimento de passageiros — 115 no dia 10, 57 no dia 11, 75 no dia 12, 49 no dia 13, 59 no dia 14 — com o que nascia uma nova rotina e uma alternativa também valiosa para o transporte de pessoas a tarifas relativamente baixas. Mas não era só isso: o intercâmbio com outras regiões ia aos poucos se delineando através de encomendas para longas distâncias. Uma bicicleta foi enviada para o Espírito Santo, viajou 1.900 km de Jussara e pagou a tarifa de NCr$ 12,15.

Mas quem recebeu a primeira passagem — uma gentileza da direção da RVPSC, através da diretoria financeira — foi o prefeito Manoel José Soares. Era uma homenagem carregada de simbolismo, um presente ao povo e também o reconhecimento pela luta que o governador da cidade e o deputado da região, Jacomel, desencadearam, através de sucessivos contatos com a diretoria da RFF, para que o trem chegasse lá no dia do aniversário, o que foi atendido com empenho especial do superintendente da ferrovia, engenheiro Francisco Cruz.

O agente da estação Marcílio Silva — veio de Uraí, onde servia há sete anos — acha o movimento satisfatório. E o seu depoimento tem importância porque acompanhou o nascimento e o desenvolvimento de outras estações. Coleta com cuidado os dados estatísticos sôbre tráfego, freqüência de unidades transportadoras, chegada e saída de cargas e passageiros, porque sabe que isso será decisivo para maiores atenções e melhor equipamento daquele terminal ferroviário.

O seu colega de Cianorte, Antônio Araújo Bueno, está há 8 anos esperando o trem. Acredita que tudo depende da ponte sôbre o rio Ligeiro e que esta estará recuperada dentro dos prazos previstos — 8 a 9 meses — com o que passará a comandar o intercâmbio de mercadorias da área de Cruzeiro D'Oeste, Umuarama, Guaíra, inclusive com os serviços de conexão com transporte rodoviário como já se fazia em Doutor Camargo e acontece agora em Jussara.

SEGUE

REPENTINAMENTE O TREM SAIU DA MATA E OS MOTORISTAS, QUE SE ENCONTRAVAM NA RODOVIA AO LADO, O CONTEMPLARAM COM SURPREZA É QUE ANTES DE JUSSARA NASCER JÁ O ESPERAVAM.

Nas passagens de nível no dia da inauguração foram colocados guardas improvisados. Doravante é preciso haver cuidados e os chefes de trem sabem que à aproximação de uma delas, além da carga de alarme, é preciso reduzir a velocidade da máquina.

AS EMOÇÕES DO DESCOBRIDOR (HOUVE QUEM SE LEMBRASSE ATÉ POR EXAGÊRO DOS ASTRONAUTAS) TOMARAM CONTA DE TODOS: O TREM VENCIA PELA PRIMEIRA VEZ A PONTE SÔBRE O RIBEIRÃO FERRAZ. É QUE NINGUÉM ESQUECERA QUE A ANTERIOR FORA DEMOLIDA E AFOGADA NO RIO.

Não só Jussara, mas municípios visinhos estiveram presentes à chegada do trem. Houve discursos e desfile escolar, inclusive com numerosos carros alegóricos.

A vida de Jussara se modifica: a chegada e a partida dos trens ainda mantém o seu povo em euforia. Ao lado, o Superintendente Francisco Cruz, o deputado Leopoldo Jacomel e o prefeito Manoel José Soares. O deputado e o Superintendente já foram ferroviários, como telegrafistas, daí a satisfação dupla do deputado de presenciar a chegada do trem na região que representa e a de manter contacto com dirigentes ferroviários.

A CIDADE QUE RECEBEU O TREM SE PREPARA PARA TER O ASFALTO

O prefeito Manoel José Soares vive ainda as emoções dessa mudança operada em Jussara com a chegada do trem. Mas está consciente dos problemas e das responsabilidades que um nôvo instrumento dessa ordem acarreta. Conhece a experiência da penúltima estação, Doutor Camargo, que pelo efeito polarizador da estrada de ferro e sua então condição de fim de linha se transformou em ponto de atração de desajustados de tôda a sorte que vivem em busca de assistência médica e de trabalho, um ônus inevitável do progresso e que deve ser enfrentado corajosamente.

Seu Manoel é um homem simples e prático. Percebe que a cidade assume responsabilidades graves e procura cuidar dos 96 quilômetros de estradas municipais a seu cargo, como o demonstrou nas festas ao inaugurar a Estrada Marapuama ao Bairro São José, onde construiu, aliás, a Escola Nossa Senhora Aparecida. Inaugurou pontos de estacionamento de veículos no centro, o que indica a sua confiança de que o asfalto da estrada Maringá-Umuarama deverá chegar até lá o ano que vem, razão porque precisa melhorar os equipamentos urbanos da sede. Deu instalações condignas à Câmara Municipal em prédio próprio, onde aliás instalou também a Biblioteca Municipal, já contando com mais de 800 volumes. Essa biblioteca já nasceu com função definida ao abrigar a 1ª Exposição Cultural de Jussara. Na gare ferroviária inaugurou a escadaria municipal «Antônio Davanço» e no centro ainda o cruzeiro luminoso da Igreja Matriz, a Praça Manoel Ribas e implantou a Feira Livre com o objetivo de baratear o preço dos gêneros. Quanto à questão social ainda nas festas mostrou o empenho de sua administração em encaminhar corretamente o problema, quando lançou a pedra fundamental do hospital da Associação de Proteção à Maternidade e à Infância.

A mocidade jussarense tem agora dois lugares para sonhar: a praça Manoel Ribas e a estação ferroviária. A pracinha — jóia — foi um dos grandes feitos da administração Manoel José Soares.

GANHOU TAMBÉM MAIS UMA PRAÇA, A CÂMARA E A SUA BIBLIOTECA

Manoel José Soares é baiano como o presidente da Câmara de Vereadores, Antônio de Souza, reeleito pela quinta vez para o cargo. Ambos pioneiros como o foram Antônio Canaro e Pedro Pardo que estavam entre os primeiros fundadores.

Antônio conta que onde hoje roda o trem rolava a bola de futebol. «— Introduzi aqui a primeira bola de futebol que fui buscar em Maringá. Jogava-se futebol na Esplanada da Estação. Já naquela época o terreno estava preparado para receber as linhas que demoraram além do esperado mas vieram em tempo de servir Jussara a ampliar o seu progresso.»

De 1963 para cá triplicou o número de alunos, o que significa também ampliação da rêde de atendimento que consta de Escola Normal Colegial, Escola Normal Ginasial e Grupo Escolar e 19 escolas rurais, a maior parte construídas e reformadas na administração atual. Preve-se nôvo aumento para 1968. Café, milho e cereais — e um plantel bovino e suíno bem desenvolvido — constituem os fundamentos da economia jussarense, que conta ainda com fábrica de conservas, 2 serrarias, 5 olarias, máquinas de beneficiar arroz e café. Um comércio movimentado, com algumas emprêsas de porte médio e duas agências bancárias — Banco Comercial e Nacional de Minas Gerais — também se incluem no seu cadastro econômico.

A administração de Manuel José Soares estêve mais voltada para os setores rurais, tanto na parte de ensino como de estradas. Agora cuida de melhorar as condições do centro, prevendo a intensificação do movimento na sede para comercialização dos produtos da região com apoio no escoamento ferroviário. Daí as melhoras nos meios fios, calçamento, arborização e o embelezamento das praças.

Doutor Camargo já não é mais fim de linha ferroviária. Quando no dia 8 de dezembro a composição passou, às 9 horas e 5 minutos pela estaçãozinha, a cidade sentiu que terminava a glória, mas também o amargor de ser o último ponto dos trilhos. O agente da estação, Valtenor Batista, por uns momentos, recordou o fastígio dos primeiros dias de dezembro de 1965: durante vários meses a população ia lá para ver quem chegava ou partia. Depois, como a Estação fica a cêrca de 2 quilômetros da sede, o interêsse foi caindo e Valtenor se habituando à solidão, pois alí permanece o dia inteiro e agora, com a ida do trem até Jussara, aumentou o seu isolamento.

Valtenor está só na Estação de Doutor Camargo. Quando vierem os armazéns, ao menos terá companhia de outros funcionários. Lembra-se do fastigio inicial da ferrovia: embarcou 53 vagões em 15 dias.

DOUTOR CAMARGO

A PENÚLTIMA ESTAÇÃO

O prefeito Alquirino Bannach entende que essa mudança trará aspectos bons e ruins ao mesmo tempo à vida da cidade. Não sendo mais fim de linha, a cidade perde a movimentação de cargas entrosada ao sistema rodoviário. Deixa de carrear os apreciáveis contingentes de produção para movimento na linha que ficarão em Jussara. Mas deixa, em compensação, de constituir-se numa espécie de pátio de milagres com dezenas de doentes de outras cidades e até de outros Estados procurando os serviços assistenciais da comunidade. Houve ocasiões em que foram atendidas mais de 40 pessoas num só dia na Prefeitura, tôdas se valendo da ferrovia, pois é sabida a relativa franquia do chamado sistema de «passes» adotado por autoridades locais para transportar indigentes e necessitados de um lado para outro.

Embora seja agora a penúltima estação — e deseje transformar-se apenas num ponto intermediário da linha que vai a Guaira — Doutor Camargo ainda tem reivindicações no setor ferroviário. Acontece que a despeito dos numerosos ofícios e memoriais encaminhados até hoje, a «gare» ferroviária não conta com instalações adequadas sequer para a sua função de movimentar cargas, pois carece de armazéns e depósitos. Quanto à recepção de passageiros então nem se fala: falta água e em conseqüência as instalações sanitárias — de madeira velha e mal situadas — deixam muito a desejar. A falta de armazém e depósito para as cargas próprias da região, como o milho, cria entraves desagradáveis aos produtores e ao comércio.

— Mas o trem veio trazer progresso sem limites para nós. Até mesmo naquilo que já mostramos ser negativo — o drama da assistência — foi-nos habituando a enfrentar a realidade da dor e estabelecendo os meios de levar a outras cidades mais equipadas êsses necessitados. Cumpriu e ainda cumprirá, à proporção que a linha fôr avançando, a missão de funcionar como mola da produção, dando mais progresso a uma região apegada ao trabalho.

O prefeito esclarece que Doutor Camargo se recusa a ser meramente uma cidade beneficiária de caminhos de passagem. Razão porque acha que quanto maior o fluxo de transporte — pelos trilhos e pela estrada, hoje de pó e lama — será melhor para todos.

O FERIADO FICOU PARA AMANHÃ

Doutor Camargo, a penúltima estação ferroviária, transferiu para 1968 o festejo de aniversário. É que o seu terceiro ano de fundação — ocorrido a 14 de dezembro — nem feriado foi e isso porque êste ano uma grande festa marcou em 9 de maio a ligação da luz da COPEL.

— E nada como marcar as passagens dos anos com obras! — diz o prefeito Alquirino Bannach, catarinense de Papanduva, mostrando que o município não pode ter motivos para lamentações: em 1965 ganhou a linha férrea (embora até hoje esteja reivindicando armazéns adequados junto à RFF), em 1967 a luz da COPEL (a iluminação pública é tôda de lâmpadas de mercúrio) e em 1968 deve receber o asfalto.

A convicção de que o asfalto virá é generalizada, atingindo o trecho entre a cidade e Maringá em tempo record, que deverá ser atacado antes, não só por causa da localização, mas em vista igualmente de o solo da região ser de terra roxa o que agrava as condições de tráfego com chuva.

Assim há a certeza de que também o quarto ano como os anteriores marcará um grande acontecimento ligado a serviços públicos, da União e do Estado. Isso porque, no que diz respeito ao âmbito municipal, sempre há novidades: o abastecimento de água, por exemplo, que conta com três poços semi-artesianos, uma caixa na praça Brasil e outra em construção. Há capacidade para 176 mil litros. A rêde é muito restrita por enquanto. Entre dezembro e janeiro pretende-se inaugurar os telefones e telégrafos, com a Municipalidade dando o prédio e ajudando na manutenção.

Na parte de equipamentos urbanos e paisagísticos a cidade já recebeu: levantamento topográfico e altimétrico, praça Brasil (em fase de acabamento), arborização pública (metade do centro já atendida), calçadas e meios fios.

Há entusiasmo em todos os setores da população — empresários industriais e comerciais ou agropecuários — ante o desenvolvimento de Doutor Camargo.

SEGUE

Em três anos, Doutor Camargo já é um município muito bem equipado. Tem linha ferroviária, recebe o asfalto no ano que vem e nêste ano recebeu a energia da COPEL. Depois disso vieram as luzes a mercúrio e as melhorias urbanísticas no centro onde o refúgio da avenida central ajuda a compor e definir a paisagem urbana, devidamente ajardinado.

O crescimento demográfico vai obrigando a Prefeitura a criar escolas. No ano que vem com o loteamento de área da reserva da Melhoramentos construirá mais duas unidades. Já ergueu 6 unidades e reformou outras. Numa delas (foto à esquerda) funciona o ginásio que forma a sua primeira turma no ano que vem. O apoio do governo estadual é decisivo. Na foto à direita, aspecto da Estação que ainda não está devidamente equipada. Doutor Camargo acha que é mais demorado esperar os armazéns e instalações adequadas para a Estação do que aguardar o trem.

Na foto acima a Praça Brasil, centro nervoso da cidade. No meio uma das caixas d'água. No logradouro foram feitos melhoramentos nos passeios, iluminação e jardinagem. Está um brinco o cartão de visitas do município. Embaixo outra obra da Prefeitura. Com mais uma caixa elevada fica inteiramente coberta a necessidade de água da séde. Em todos os cantos há uma obra. No ano que vem devem chegar telefones e o telégrafo.

Ocorre que a cidade mantém o seu pioneirismo em pleno frescor. Sua população saltou para 12 mil habitantes com 3 mil na sede. Para não dispersar os frutos do seu labor e dar mostras também, politicamente, de sua fôrça, a comunidade entrou de corpo e alma na campanha de aumento do colégio eleitoral do Estado. Atualmente são três mil eleitores e busca-se ampliar consideràvelmente êste colégio com o objetivo de poder falar mais alto ainda.

Em arrecadação municipal, Doutor Camargo ainda não conta com um orçamento forte em que pese o impresionante volume de obras na sede e o ataque às obras rodoviárias e a escolas isoladas, onde construiu 6 unidades e reformou outras.

A previsão de 1967 é de 200 mil cruzeiros novos e será levemente ultrapassada. Para o ano seguinte a previsão será de 315,400 mil cruzeiros novos. O ICM não dá uma contribuição decisiva e em 1967 não passou de 45 mil cruzeiros novos, esperando-se que em 1968 atinja 80 mil.

Os bancos do Estado do Paraná e Nacional de Minas Gerais atuam decisivamente no financiamento das atividades produtivas e dão cobertura tanto à indústria e ao comércio como à lavoura e aos serviços públicos.

Em matéria de produção, a coqueluche é o milho. A previsão da safra é de 200 mil sacas. O café, 90 mil sacas em côco; a soja, 75 mil; arroz, 30 mil.

A pecuária começa a entrar em expansão com os estímulos governamentais: 1.800 bovinos e 6 mil suínos.

Há 4 máquinas de arroz, 4 de café, 2 serrarias, 3 olarias, 2 marcenarias, 1 fábrica de doces, 5 restaurantes, 1 hotel, 4 unidades atacadistas, 25 de porte menor.

No setor escolar o ano que vem haverá problemas: acontece que a reserva da Companhia Melhoramentos — cuja atuação em prol do desenvolvimento da cidade o prefeito faz questão de enaltecer — vai ser em parte loteada e isso obrigará, no mínimo, a construção de mais duas unidades escolares.

O ginásio em 1968 formará a sua primeira turma e no decorrer do próximo exercício a situação será levantada para o estabelecimento de novos cursos, a fim de que a juventude local não precise deslocar-se da sede para ir a aulas em cidades próximas. No ensino a municipalidade mantém 33 professôres, pagando-lhes 50 cruzeiros novos por período.

A RÊDE DE ESTRADAS DESLANCHA EM 1968

Grande até aqui foi o esfôrço desenvolvido na parte rodoviária. E que mesmo não dispondo ainda de equipamento próprio, a administração de Alquirino Bannach tem estabelecido ligações básicas entre a sede e as novas frentes de produção abertas. Foi o caso recente da estrada de 8 quilômetros ligada à Reserva da Companhia Melhoramentos. Responde pela conservação e retificações de traçado de mais de 100 quilômetros de rodovias, das quais luta pela estadualização do trecho Doutor Camargo-Ivatuba.

A cidade está muito bem servida politicamente: o deputado federal Leon Peres e o estadual Túlio Vargas, líder do go-

vêrno, têm dado boa cobertura aos interêsses da região. Leon Peres, por exemplo, encaminhou centenas de livros que já constituem o primeiro acêrvo da Biblioteca Municipal em organização.

«A Câmara de Vereadores é outra peça importante do progresso. Aprovando as nossas medidas e tomando iniciativas valiosas, o legislativo tem cumprido a sua missão com admirável presteza», afirma o prefeito.

Presidida pelo vereador Izidoro Manzano Vargas, é composta pelos srs. Osvaldo Daltiba, Francisco Dorta de Oliveira, Pedro Cavalieri, Antônio José Gaino, José Gomes de Oliveira, Mário Sibin, Justino Marcucio e João Balconi.

Coopera também com o desenvolvimento da cidade o vice-prefeito Antônio Garutti Catto.

Na parte recreativa, a maior aspiração é a conclusão do Ivaí Tênis Clube, arrojada iniicativa. Em esportes, o prefeito considera prioritário concluir o Estádio Municipal o ano que vem.

Alquirino Banach, prefeito de Doutor Camargo, acredita que 1968 será o ano do asfalto Maringá-Cianorte-Umuarama, com o que poderá comemorar os 4 anos de autonomia festivamente.

DOUTOR CAMARGO NÃO PEDE MUITO

Doutor Camargo não reclama demais do govêrno. Assume responsabilidades penosas ao atacar obras como a do serviço de água, a das estradas, do ensino e do equipamento urbanístico. Pretende no entanto que alguns empreendimentos fundamentais como a ligação asfáltica da estrada oficial com a praça Brasil receba as atenções que merece do govêrno estadual, já que tal cometimento exige recursos acima das disponibilidades financeiras da Prefeitura. Espera receber, de acôrdo com levantamentos já feitos, as 6 salas para o ensino primário e um pôsto de saúde. Valendo-se das unidades instaladas, quer fazer funcionar ainda uma Escola de Comércio e uma Normal Secundária.

Calçamento: tôda a área central está em obras. A arborização exige cuidados especiais. É a véspera do asfalto que virá logo que se ligue o pavimento da estrada Maringá—Cianorte—Umuarama à sede.

As safras são promissoras: 90 mil sacas de café, 200 mil de milho, 75 mil de soja, 30 mil de arroz. Há uma crença generalizada no potencial da economia da região. Boa rêde rodoviária é fator básico para o escoamento dessa produção. Mais de 100 quilômetros de estradas estão sob a responsabilidade municipal, sendo que um dos mais recentes trechos atacados foi o da ligação Doutor Camargo—Ivatuba, que o prefeito pretende seja estadualizada.

O centro de Tapejara (avenida Rui Barbosa) vai se definindo e a Prefeitura está presente em tudo. No arruamento, nos postes que conduzem a luz que ela própria fornece (aguardam a da COPEL), na arborização. Com uma população de 30.100 pessoas, 6 mil das quais na sede, Tapejara reclama serviços públicos eficientes.

TAPEJARA

asfalto chega antes que o trem

A safra de café prevista é de 300 mil sacas, mas a lavoura se diversifica e espera-se 150 mil sacas de amendoim, 80 mil de milho, 90 mil de soja e 50 mil arrobas de algodão. Essa pujante produção promove o desenvolvimento de Tapejara com apôio da rêde comercial, o banco, o Pôsto Brasil e dezenas de estabelecimentos comerciais e máquinas de beneficiamento de produtos agrícolas.

Enquanto Doutor Camargo e Jussara receberam o trem antes do asfalto, Tapejara acredita que a rodovia pavimentada vencerá a corrida com os trilhos na região. O prefeito Loires Jakimiu vê com entusiasmo a aproximação de tempos melhores: o próprio transporte ferroviário já pode servir os interêsses da região e a estrada, com a sua progressista construção, injeta um certo otimismo num povo que tanto se sacrifica nas épocas de chuva ou de poeira.

E se há assunto que interêsse a gente do município é o relativo à estrada. Em primeiro lugar porque é um dos setores que merece maior atenção da administração municipal com sua rêde de 320 quilômetros sem contar certos caminhos vicinais que servem de qualquer forma para o tráfego comum. Em segundo lugar porque Tapejara em linguagem indígena significa Senhor dos Caminhos, o que a realidade confirma notadamente nos últimos anos. Ocorre que a cidade tem uma posição muito estratégica nas comunicações entre as zonas de maior produção de todo o Estado. O próprio govêrno estadual tem apoiado algumas interligações, como foi o caso da existente entre a sede e Bernardelli. Numerosas pontes e boeiros foram ùltimamente construídos. Um equipamento de boa qualidade, ao qual se dá o máximo de aproveitamento, está mobilizado no setor: um basculante Ford 1967, pá carregadeira Massey Fergunson 1967 e motoniveladora Adams.

Outro setor que absorve grandes investimentos do poder municipal é o ensino, já funcionando o ginásio «Olavo Ferreira da Silva» (que em 1968 forma a sua primeira turma) em prédio da Prefeitura. Projeta-se o funcionamento da Escola Normal Ginasial e há um grupo escolar na sede e 32 unidades isoladas, totalizando 1.680 alunos. Em andamento, em fase de convênios, a construção do ginásio com 12 salas (NCr$ 80 mil do Estado, NCr$ 80 mil da Prefeitura) e seis casas escolares.

— Aqui tem que ser na base da estrada e da escola. A energia nós fornecemos com gerador próprio, mas esperamos para logo a do sistema COPEL. E tudo tem que andar assim porque crescemos muito depressa pelo trabalho das 1.340 propriedades rurais e do nosso comércio e indústria.

Assim pensa e dessa forma age o prefeito Loires Jakimiu, homem do sul, União da Vitória, e que criou raízes para ficar em Tapejara, onde estão sua espôsa e filhos.

Assentamento de meios fios na rua central. Acompanham as obras (foto ao lado) o prefeito Loires Jakimin, o vice prefeito Nelcides Antunes de Almeida e o presidente da Câmara, vereador Abnoel de Castro Rezende. A Prefeitura funciona em instalações adequadas (foto em cima) e veio inclusive a melhorar o gabarito das construções na rua mais central.

E explica os resultados dessa produção, fazendo uma estimativa da safra próxima: 300 mil sacas de café em côco, 150 mil de amendoim, 50 mil de mamona, 80 mil de milho, 90 mil de soja e a excepcional ocorrência de 50 mil arrobas de algodão. Isso ativará a indústria (6 máquinas de café, 8 serrarias, 12 beneficiadoras de arroz, 5 marcenarias, etc.) e o comércio (210 estabelecimentos, dos quais 10 atacadistas) e movimentará os meios de financiamento até aqui confiados ao Banco Mercantil e Industrial do Paraná e que se reforçará em breve com a agência do Banco do Estado. Prevê-se um orçamento municipal da ordem de 456 mil cruzeiros novos, quando êste ano chegou a 236 mil, superando fàcilmente a previsão orçada em 196 mil.

— A cidade tem condições para esperar boa retribuição do Estado. Em 1967 a arrecadação estadual, só do ICM, até julho atingia 374.30 mil cruzeiros novos. Aceitamos a redistribuição de encargos que o governador do Estado tem com muita justiça apregoado. Porisso fazemos os convênios e assumimos grandes responsabilidades no ensino, nas estradas e na parte urbana.

O prefeito é um homem tranqüilo, não gosta de atitudes emocionais e de pressões. Conta que encaminhou a proposta para os serviços de água e esgôto, que as operações atuais de colocação de meios fios visam o asfaltamento da avenida principal e que o pôsto de saúde vai surgir com a sua viatura, obtida pelo deputado federal Ennio Romagnoli. A construção dos prédios da Prefeitura e Delegacia de Polícia é outro objetivo importante na tarefa de equipar a administração.

A Estação Rodoviária e a construção de duas praças constituem outros objetivos que pretende atingir bem antes de a cidade completar seu quinto ano de existência, já que em março de 1968 estará com quatro anos.

Na parte recreativa a prefeitura também dá assistência, quer fazendo a terraplenagem do Estádio do Tapejara Atlético Clube, quer favorecendo os meios de acesso aos pontos de pesca e de repouso. Com a instalação da luz da COPEL em abril de 1968, conforme se espera, novas modalidades de recreação e desportos surgirão.

ATUAÇÃO DO LEGISLATIVO

Tapejara tem contado grandemente com a atuação da sua Câmara de Vereadores e do seu vice-prefeito Nelcides Antunes de Almeida. A Câmara, presidida por Abnoel de Castro Rezende, é composta ainda pelos seguintes vereadores: Jair Francisco Ramos, Felicio Pepa, Pedro Lima, Sebastião Zampieri, Mário Severiano, Antônio Quintino de Paula, Pedro Seguro e Armando Sprigigo.

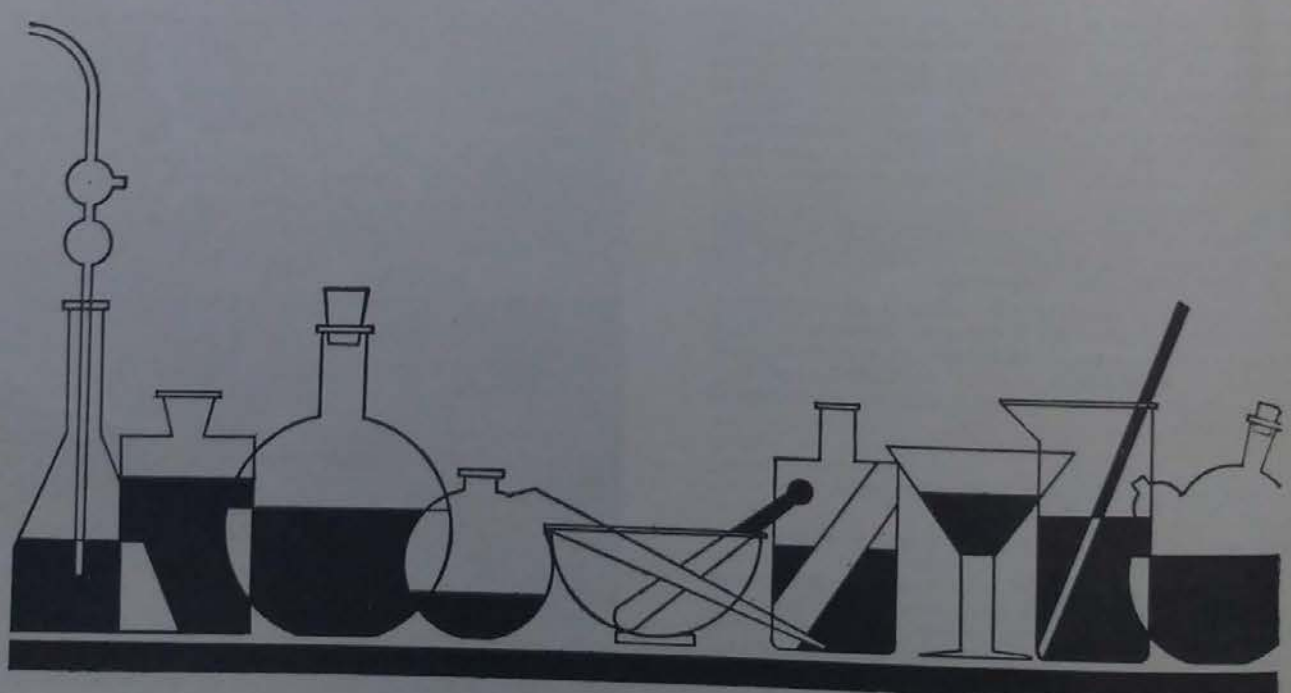
A administração está voltada para o rodoviarismo. A ligação Tapejara-Bernardelli (foto em cima) necessitou de vários boeiros e pontes, mas contou com a colaboração do govêrno estadual. O município conta com mais de 200 quilômetros de estradas novas e retificadas, nas quais se aplicaram 18 boeiros e 3 pontes. A estrada que liga a Tuneiras numa extensão de 20 quilômetros (foto embaixo) é uma delas. O deputado mais atuante no município é Olavo Ferreira da Silva e tem dado grande contribuição também no setor das estradas. Anibal Khoury e Paulo Camargo são outros parlamentares da região.

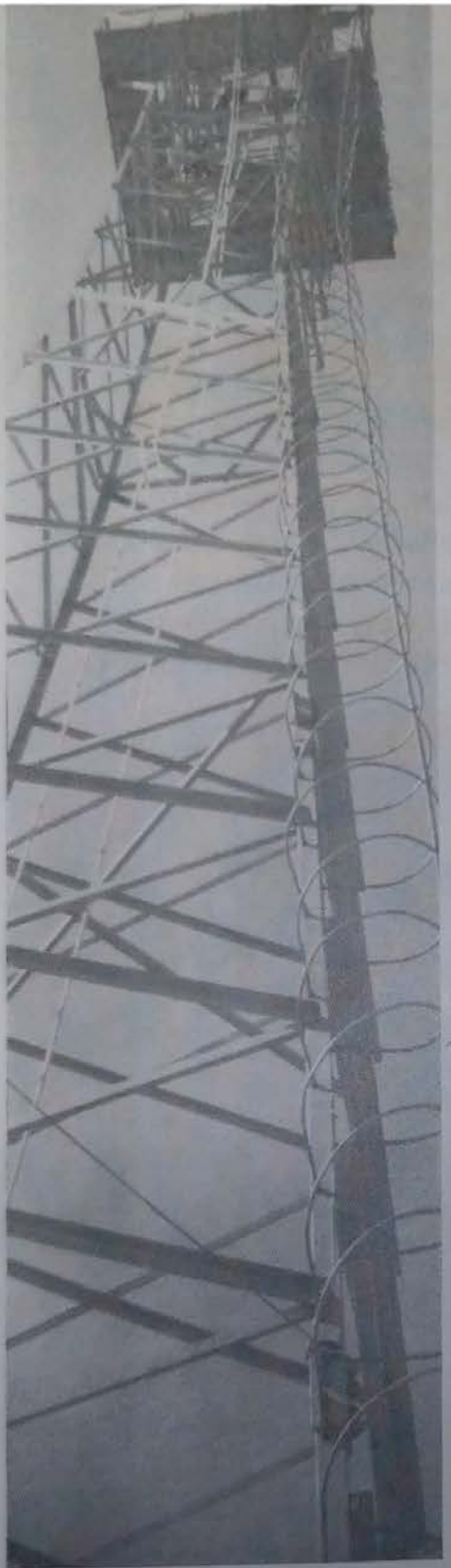
DROGARIA MORIFARMA

UMA ORGANIZAÇÃO PIONEIRA SERVINDO O NORTE DO PARANÁ

MATRIZ: MARINGÁ

FILIAIS: MARINGÁ, LONDRINA, CIANORTE, CRUZEIRO D'OESTE, PARANAVAÍ (DUAS), MANDAGUARI E NOVA ESPERANÇA





A antena da TV-Iguaçu, localizada no ponto mais alto de Curitiba, já emite imagem e som do Canal 4 para os tele-espectadores do Paraná. Todo o equipamento da nova emissôra de TV foi importado da Inglaterra, das famosas fábricas Marconi. A programação da TV-Iguaçu, pelo cuidado com que foi elaborada, já obrigou às concorrentes de Curitiba a melhorarem as programações de 1968.

Detalhe da mesa de contrôle da mais nova estação de TV do Paraná. Equipamento de primeira qualidade e técnicos competentes asseguram lugar de primeira linha à TV-Iguaçu, entre as congêneres do País.

TV-IGUAÇU CANAL 4

Imagem do nôvo Paraná

O Paraná tem uma nova imagem. A TV-Iguaçu, canal 4, de Curitiba, foi inaugurada no dia 28 de dezembro. Uma festa das mais alegres, com participação maciça de público e presença do que de mais fino existe na sociedade paranaense, marcou o início das atividades comerciais da nova emissôra de televisão. A presença de grandes astros do vídeo nacional, destacando-se Wanderleia e Wilson Simonal, marcou, no grande "show" realizado no auditório da Sociedade Thalia, o espírito que orienta a alta direção da TV-Iguaçu: não poupar esfôrços para dar aos tele-espectadores do Paraná programas da melhor qualidade influindo, inclusive, no aperfeiçoamento da televisão paranaense, estimulando as emissôras concorrentes a melhorarem, também, as suas programações. E êsse fenômeno já começou a ocorrer. As duas outras TVs de Curitiba, antes mesmo da inauguração oficial do Canal 4, já anunciavam para 1968 linhas de programação de muito melhor qualidade do que as que vinham sendo exibidas nos últimos anos. Já aí, portanto, a presença da TV-Iguaçu demonstrava a importância que vai ter no cenário das atividades do vídeo paranaense, tanto em relação à mentalidade empresarial como no mercado de trabalho, com novas oportunidades para os valôres artísticos da terra.

Montada em tempo recorde a nova televisão do Paraná é, na opinião dos técnicos, o que de melhor existe no Brasil. O equipamento é homogêneo pois tôdas as peças são da fábrica Marconi, da Inglaterra, a mais famosa organização mundial fabricante de equipamento para TV. A única outra emissôra brasileira com equipamento semelhante, em sua totalidade, é a TV-Rádio Jornal do Comércio, de Recife, que está operando, porém, há mais de 10 anos, com grande parte do equipamento já ultrapassado.

O fato mais importante que se destaca com a inauguração da TV-Iguaçu, Canal 4, é a confiança demonstrada pelos investidores que subscreveram o capital da emprêsa no mercado paranaense. Na realidade, o panorama do mercado de TV no Brasil, nos últimos anos, não é dos mais animadores. Segundo os dados publicados na revista Visão, na edição em que é analisada a economia brasileira nos últimos anos, duas das três emissoras de TV do Paraná estão em boa posição econômico-financeira, se comparadas com tôdas as demais TVs do Brasil. Entre as emprêsas de televisão que deram bons lucros em 1966, segundo o veículo citado, estão a TV-Paraná, Canal 6 de Curitiba e a TV-Coroados, Canal 3 de Londrina. O fato é significativo e mostra a pujança do mercado publicitário do Paraná. Em contraste, um estudo recentemente concluído pelo Departamento Nacional de Telecomunicações — DENTEL, mostra que, na Guanabara, pujante centro industrial, a situação das emissoras de TV não é das mais animadoras. Assim é que, o "deficit" das cinco emissôras daquela cidade-estado atingiu, em 1967, a cifra impressionante de 700 milhões de cruzeiros velhos por mês, quantia necessária para manter em funcionamento duas emissôras de grande porte. Os elementos acima mostram a confiança demonstrada pelos empresários da TV 4 no mercado publicitário paranaense, por sua vez, reflexo da pujança da economia do Estado.

Nome: Carlos Alberto Moro. Profissão atual: Secretário de Educação. Muita gente se lembra dêle como goleiro (aliás, um bom goleiro) do Grêmio Esportivo Santa Maria ou como campeão de polo aquático na Universidade. Ou, ainda, como vereador e candidato bem votado a prefeito de Curitiba. Por que Paulo Pimentel o escolheu para executar o seu plano de educação — um dos dos setores mais importantes do Govêrno? E por que, mesmo sabendo que a Secretaria de Educação é um pôsto de sacrifício, com desgaste político quase sempre inevitável para seu ocupante, Moro aceitou o convite? «Porque senti que o governador estava realmente empolgado pela obra de educação. E, durante todo o tempo em que estou na Secretaria de Educação, sempre tive o seu respaldo amplo para executar uma tarefa que, ambos sabemos, é de fundamental importância para o desenvolvimento do Paraná. Se realmente há desgaste político, não sei. Mas sei que qualquer homem público, que colocar as suas pretensões políticas acima do interesse da função que exerce está prejudicando seu trabalho e traindo a confiança nêle depositada». E Carlos Alberto Moro, bacharel em Direito, casado, pai de três filhos — dois meninos e uma menina — sabe que

EDUCAÇÃO PRIORIDADE UM

Paraná constroi sete salas de aula por dia útil de trabalho

Quase 40 mil funcionários. Uma população em idade escolar que se duplica a cada cinco anos. A imensa massa de papéis a despachar diàriamente. O déficit de professôres.

A soma dêsses fatôres forma um quadro que seria pessimista em outro Estado que não o Paraná. Aqui, a ocupação de ⅔ do território começou efetivamente em 1940. O índice de crescimento demográfico oscila ao redor de 7% ao ano. E, há pouco tempo, nem mesmo as crianças das grandes cidades tinham bancos escolares em número suficiente.

Por isso, o secretário Carlos Alberto Moro considera muito positivo o saldo do trabalho da Secretaria de Educação, que, em linhas gerais, atingiu todos os objetivos previstos para os dois primeiros anos da administração Paulo Pimentel.

«Quando assumimos — lembra — a grande meta era assegurar matrícula a tôdas as crianças que procurassem as escolas públicas. Colocamos em execução um plano de emergência, construindo em prazo recorde 458 salas de aula em todo o Estado. E até maio de 1967, foram construídas em média 7 salas de aula por dia útil de trabalho. Conseguimos a nomeação de 3.571 professôres, assegurando que em tôdas as áreas urbanas do Paraná nenhuma criança ficasse sem escola e nenhuma escola ficasse sem professora. Evidentemente, isso não significa que tôdas as crianças paranaenses em idade escolar estejam estudando. Mas — e consideramos êste ponto fundamental — tôdas as crianças que vivem em áreas urbanas e procuram as escolas são hoje atendidas imediatamente».

O Estatuto do Magistério dará ao professor um padrão de vencimentos bem maior

«Tratamos, por outro lado, de elaborar o Estatuto do Magistério, destinado a disciplinar de vez os direitos, as obrigações, as vantagens e as regalias do professorado. A mensagem já se encontra na Assembléia Legislativa, o que representa muito em relação ao quase nada existente no início da administração do governador Paulo Pimentel. Um dos aspectos importantes do Estatuto do Magistério é o desmembramento do quadro próprio do magistério do quadro geral de funcionários do Estado. Em conseqüência, será possível pensar em dar ao professor um padrão de vencimentos compatível com a relevância da função que êle exerce e que deve ser sensìvelmente superior àquilo que recebe atualmente.

E' verdade que não foi apenas com o Estatuto do Magistério que cuidamos de atender às necessidades dos mestres. Neste ano que passou, foram realizados mais cursos de aperfeiçoamento do que em qualquer outra época anterior. Sabemos que sòmente através do constante aprimoramento dos conhecimentos do professor é possível melhorar o nível de ensino.

Há, ainda, outros aspectos que devem ser destacados: nós temos uma média de 350 mil crianças matriculadas no primeiro ano primário e pouco mais de 150 mil matriculadas no segundo ano primário. E' evidente que o índice exagerado de reprovações e a evasão escolar motivam o que poderíamos chamar de «empanturramento» da escola primária, principalmente na primeira série, impedindo o fluxo natural da criança na faixa etária correspondente. E é justamente o aprimoramento do professorado — e aqui refiro-me principalmente ao grande número de professôres leigos existentes — que virá desobstruir êste funil, criando condições de maior rendimento escolar a maior número de estudantes.»

SEGUE

Chefe de família preocupado com a educação dos filhos, o secretário Carlos Alberto Moro sente, de perto, os problemas e as dificuldades do ensino. Daí a atenção especial que tem dedicado a êsse setor.

A chegada de novos colonizadores, vindos de todos os pontos do Brasil e do mundo, provocou a explosão demográfica, que tornou, de um dia para outro, insuficiente a rêde de estabelecimentos de ensino primário. Hoje, as solicitações de bancos escolares nas áreas urbanas estão sendo tôdas atendidas. Até o fim da administração Paulo Pimentel não haverá uma única criança sem escola em todo Paraná.

A hora é de colaboração mais intensa entre o Estado e os Municípios

«Mas — prossegue o secretário Carlos Alberto Moro — não é apenas no setor primário que temos problemas a resolver, com o auxílio do magistério. Também isso ocorre no ensino médio, onde constatamos quase que uma estagnação de métodos e de filosofia. Ainda formamos acadêmicamente os nossos secundaristas, quando o caminho correto é adaptar o currículo às características de nosso meio, dando maior ênfase à tecnologia. E isto tendo em vista a absorção pràticamente imediata dos jovens que completam o curso médio pelo mercado de trabalho das diversas regiões que compõem o Paraná. Claro que isso só será conseguido através de um estudo profundo das condicionantes sub-regionais. Isto já está sendo feito e as primeiras modificações foram introduzidas em caráter experimental. Verificamos com satisfação uma acentuada melhoria de rendimento, além de uma melhor receptividade dos alunos ao que lhes é ensinado. Esta integração escola-meio social e econômico terá sido plenamente alcançada até o final dêste Govêrno.»

«Além das professoras nomeadas pelo Estado, tôdas mediante teste de seleção, que representou em última análise a implantação do sistema de mérito na escôlha das professoras, o Estado está utilizando recursos do Plano Nacional de Educação para pagar professoras — sempre que possível, também com habilitação — para suprir as necessidades veriifcadas nas diversas regiões paranaenses. Trata-se de um esfôrço gigantesco, que é auxiliado parcialmente pelos próprios Municípios, que além das rêdes municipais, têm professoras suas lecionando nos estabelecimentos estaduais. Entretanto, esta situação está hoje baseada em valôres inteiramente superados, já que parte do pressuposto da completa dependência dos Municípios em relação ao Estado, o que não mais acontece, devido à modificação na distribuição da renda pública decorrente da reforma tributária.

O que é da maior importância, hoje, é que os Municípios se conscientizem de sua grande responsabilidade na formação da juventude que estuda. Devem os Municípios, juntamente com o Estado, procurar um nôvo sistema de colaboração mútua, de auxílio recíproco, de soma de interêsses, assumindo cada qual a missão a seu alcance. Sòmente assim poderemos manter o elevado investimento na educação dentro do Estado do Paraná.

Acredito que, de parte do Govêrno estadual, foi dada a ênfase necessária ao problema educacional, uma vez que a verba orçamentária destinada à Secretaria de Educação é maior do que tôdas as outras somadas. Isto significa que a meta educação, para o Govêrno Paulo Pimentel, é prioridade um. O orçamento prevê, além das despesas já fixadas, a possibilidade de aumentar ainda mais o número de professoras, com cobertura da Lei de Meios.

As lideranças políticas ajudaram a construir uma "sociedade de trabalho"

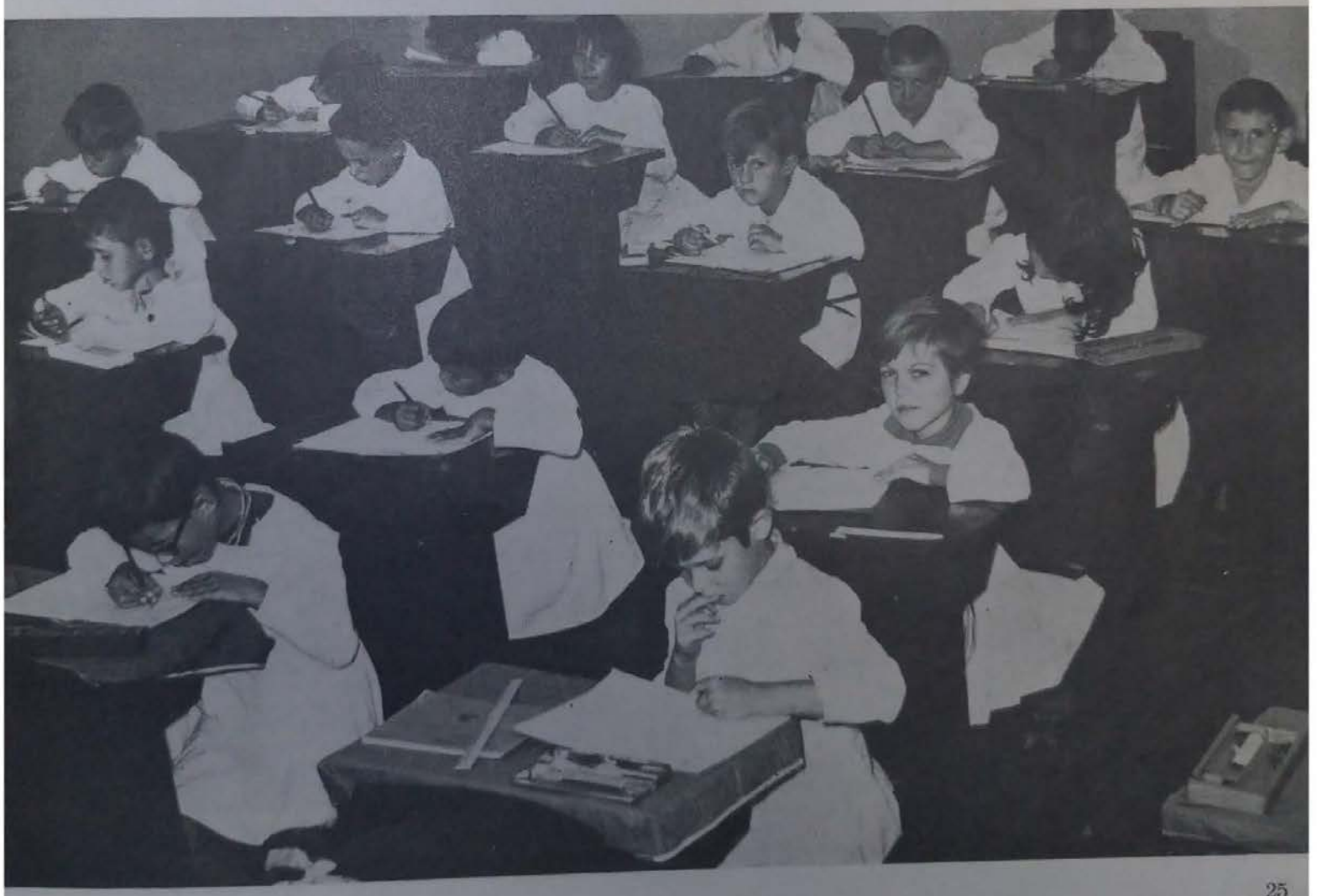
«Tenho ouvido, muitas vêzes, uma pergunta: «Os políticos ainda interferem no ensino?» E' necessário considerar uma série de fatores para respondê-la. Em primeiro lugar, a interferência política deve ser entendida em têrmos. Hoje, não se confunde mais «política da educação» com «política na educação». As lideranças políticas e os responsáveis pelo ensino no Estado decidiram promover uma ação conjunta, a qual poderíamos denominar «sociedade de trabalho», cujo objetivo maior é encontrar soluções racionais para os problemas de educação. E os resultados têm sido os mais auspiciosos, sob o ponto de vista do rendimento do trabalho. Podemos afirmar, atualmente, que a interferência política, no mau sentido, não existe mais no Paraná, conforme foi prometido no primeiro dia da administração Paulo Pimentel.»

«Nosso pensamento, agora, está todo voltado para as difíceis tarefas que vêm aí. E, para isso, tratamos, como já foi dito anteriormente, de reformar a estrutura da Secretaria de Educação, dando-lhe o dinamismo e a flexibilidade requeridos pelas novas tarefas a executar. A reforma estrutural foi preparada por técnicos da Secretaria, juntamente com especialistas do Govêrno federal e da UNESCO. O projeto elaborado pode não ser o ideal, mas é o que de melhor se pode pensar em têrmos de educação no Brasil de hoje. O projeto descentralizará a execução das tarefas da SEC, mantendo, todavia, unificado o planejamento.»

«Um dos compromissos e uma das bandeiras dêste Govêrno foi o prestigiamento à cultura, que deve caminhar ao lado da educação, merecendo igual atenção. O que se fez até agora mostra que êste compromisso não ficou esquecido. Basta lembrar algumas promoções de grande importância nacional, como o Curso Internacional de Música do Paraná e o Festival de Música de Curitiba; o Salão Paranaense de Belas Artes e o Salão de Arte Religiosa de Londrina; o Festival Internacional de Folclore. E, paralelamente, o Concurso Nacional de Contos, da Fundepar, e os espetáculos montados pelo Teatro de Comédias do Paraná ou trazidos dos grandes centros até aqui pelo Teatro Guaira. Curitiba, especialmente, pode orgulhar-se de ser uma das capitais brasileiras com maior número de realizações culturais de importância, quase tôdas promovidas pelo Govêrno do Estado, através da Secretaria de Educação.»

SEGUE

A demanda de bancos escolares nas áreas urbanas já foi totalmente suprida Agora a grande meta é o meio rural.



Aos pais e mestres: "confiem em nós e trabalhem conosco!"

«O Secretário de Educação só tem a agradecer a colaboração inestimável que tem recebido de todos os professôres, em todos os níveis. São êles, realmente, os grandes responsáveis pelos êxitos administrativos alcançados nestes dois anos de atividade. Nunca é demais enaltecer os professôres paranaenses, classe que se caracteriza por renúncias incomuns e de méritos inconstestáveis — renúncias poucas vêzes lembradas e méritos muitas vêzes esquecidos, ou não exaltados com a ênfase merecida.

Aos pais de alunos, o momento é de reafirmar que nosso trabalho é constante, incessante e em profundidade, para que seus filhos possam viver um amanhã cada vez melhor, graças à bagagem intelectual que hoje adquirem nas escolas de todos os níveis. Êste trabalho é, acima de tudo, o resultado da união de fôrças, da compreensão, da colaboração recíproca. Esta juventude que se prepara para construir o grande Paraná por nós sonhado, há de estar sempre consciente desta magnífica realidade que é a unificação de diretrizes e a superação de dificuldades aparentemente irremovíveis, graças ao trabalho, ao sacrifício e, principalmente, ao amor.»

Prefeitura do Município de Maringá
SECRETARIA DE CULTURA
DIVISÃO DE PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E CULTURAL

A cada cinco anos dobra a população escolar do Paraná. Para dar ensino a todos, o Govêrno construiu 7 salas de aula por dia útil de trabalho. O ensino técnico e a adaptação dos currículos do ensino médio às necessidades dos mercados de mão-de-obra locais é uma das preocupações da Secretaria de Educação.

OS ANTECEDENTES AUTONOMISTAS

Samuel Guimarães da Costa
(Especial para NP)

Os colonizadores portugueses, pela pequenês de sua população, não tinham condições humanas de colonizar o vasto império da América que lhes caiu nas mãos em 1500.

Mas a sabedoria de seus monarcas aconselhava ocupar a colonia brasileira em pontos diferentes e simultâneos que proporcionassem, pelo menos, custeio do aparelho burocrático-militar colonial.

Paranaguá foi aparentemente um dêsses pontos. E foram em pontos como êsse que surgiram pretenciosas ambições locais de auto-govêrno, de autoridade, de poder e de comando político.

Quando, numa data até hoje imprecisa na história, alguém se propoz a motivar os povoadores de Paranaguá no sentido do restabelecimento de um govêrno próprio, que vinha ao encontro do saudosismo local, quando a povoação fôra sede de Capitania, era de esperar que a semente encontrasse terreno propício.

Foi exatamente isso o que ocorreu quando o neto ambicioso de Salvador de Sá, depois de haver testemunhado, como agente do Govêrno, a criação da Capitania do Rio Grande do Sul, admitiu a possibilidade de uma congênere com sede em Paranaguá, sensibilizando os sentimentos autonomistas de sua gente.

Não se sabe a data, mas sabe-se que foi depois de 1808, quando a família real se transferiu para o Brasil, que Pedro Joaquim de Castro Correia e Sá dirigiu mais de uma representação às autoridades supremas da Colonia defendendo a idéia de que Paranaguá e seus domínios tivessem seu próprio Governador.

No único documento conhecido a êsse respeito, o signatário recordava os serviços que Paranaguá havia prestado ao Império português, inclusive demonstrando que "Pernagoá foi aonde na America Portuguesa se descobrirão Minas de Oiro, que tiveram o crédito de grandiosos" antes, dizia êle, que o ouro de Minas Gerais fosse descoberto e reivindicava, por direito de conquista, a primazia de ter sido a localidade onde as primeiras minas apareceram no Brasil.

A representação subscrita por Pedro Joaquim, não obstante os exageros e excessos de argumentação, inteiramente fora do quadro histórico da época, contêm indicações curiosas que esclarecem a posição dos domínios paranaenses, dentro da Colonia portuguesa ao iniciar-se o século XIX.

Pelo valor histórico dessa peça política vamos reproduzir adiante seus trechos principais.

Alegando os prejuízos da Coroa Portuguesa, por falta de um Govêrno local e mais próximo dos interesses do Govêrno, dizia êle:

"Na mesma Representação fiz vizíveis as fraudes com que continuadamente se Lesa a Real Fazenda pelos extravios de Oiro tão praticados, em todo o corpo da America, que clamão uma pronta providencia, que obvie tantos danos".

E mais adiante:

"Mostrei que a boa Politica, Segurança e argumentos do Estado Ultramarino, obrigava a que fossem menos extenços os seus Governos, pois sendo dilatados, indubitàvelmente os seus extremos hão de ser mal socorridos, mal Governados, e pouco aproveitados, como sucede em Pernoagoá; fazendo ver demais, que tôdas aquelas Colonias, que tiveram povoação, rendimentos, e produções com que possão existir, e favorecer com elas o Comércio Nacional, não devem estar na Sugeição, de dependencia de um Governo separado, e alheio delas, e só sim sugeitas a um seu proprio Governador, às Leys de sua Metropole e do Comércio".

Em outro trecho insistia êle na conveniência "em formar-se em Pernoagoá uma nova Capitania dando-se-lhe um Governador com inteligências, que bem conduza aqueles Povos, por um principio de boa ilustração, a conhecerem os verdadeiros systemas para o seu augmento, e as perfeitas Artes da Agricultura, e do Comércio, pois Pernagoá geme esta falta a muito mais de um Seculo, principalmente vendo outras Capitania, desde o seu pequeno estabelecimento caracterizadas com Governadores, como são Cyrigipe de El Rey, Rio Grande do Norte, a Capitania do Espírito Sancto, Sancta Catharina, ainda mesmo o Rio Grande de São Pedro até 1779, em que findou a Glorioza Campanha do Sul, a excepção de ser um Limite de Confinancia, e outros mais".

Mas Pedro Joaquim ia mais longe no seu intento, utilizando o argumento máximo para convencer as autoridades coloniais de que sua reivindicação era desinteressada, desde que lhe fôsse dada a oportunidade de ser o primeiro titular da nova Capitania restabelecida. E afirmava peremptòriamente, no mesmo documento:

"Se acaso posso ser Creador, desta nova Capitania, não pretendo um só real com que se lêze a Real Fazenda para o seu estabelecimento, pois até dezisto de receber as ajudas de Custo, que se costumão dar aos Governadores, e nunca já mais pedirei ao Real Erario (ainda que seja a titulo de empréstimo) a menor parcela para animar as minhas despozições, pois conhecendo como bom Vassalo, as referidas despezas, que tem todo o Estado, em tão Urgentes Conjuncturas, não poderia jamais concorrer, para um nôvo gravame da Fazenda Real".

Era um homem persistente êsse Pedro Joaquim de Castro Correia e Sá, pretenso neto de Salvador de Sá, fundador do Rio de Janeiro. Anos depois, por êle, ou por interposta pessoa, a Câmara de Paranaguá se dirigia ao Reino em representação assinada por Pedro Rodrigues Nunes, Francisco Gonçalves Rocha, José Xavier de Oliveira, Francisco Felis da Silva e João Vieira dos Santos.

Não se sabe porque meios e com que influências êle conseguiu sensibilizar os homens importantes de Paranaguá. O certo é que o documento depois de manifestar as vantagens de um Govêrno próprio indicava o mencionado Pedro Joaquim para Governador da nova Capitania.

A representação, dirigida ao Regente, rogava "se digne olhar compadecido para esta Comarca, dando-nos um Governador, que sua rezidencia seja nesta Villa, Cabeça de Comarca, independendo do General da Capitania de S. Paulo, e como para a criação do dito Governo é nesseçario um sujeito sábio e prudente e instruido no modo de governar, saber procurar os meios de felecitar os pôvos, aumentar a Agricultura, e Commércio, cuidar na Arrecadação e aumento dos direitos reaes e augmentar a população estamos bem informados de que, todas essas circunstâncias e o mais que deve ter um bom Governador, concorrendo na pessoa do Ilustríssimo Pedro Joaquim de Castro Correia e Sá, rogamos a Vossa Altesa seja servido separar esta Comarca da Capitania de S. Paulo ficando independente daquele Governador e Capitão General".

O petitório não teve a acolhida esperada, quer pela Câmara de Paranaguá, quer por Pedro Joaquim, o que não impediu que a idéia longamente acariciada persistisse, com novas e persistentes gestões do mesmo interessado neto de Salvador de Sá. Cêrca de um ano depois, a Câmara, já agora com nova composição, se dirigia a Pedro Joaquim, conforme ofício de 25 de abril de 1812 para que êle promovesse, na Côrte do Rio de Janeiro, a emancipação tão apetecida. Subscreviam o documento os vereadores João Crisostomo Salgado, Manuel Amaro de Miranda, Manoel de Araujo França e Antônio Vieira dos Santos.

O ofício alude às intrigas que, em razão dêsse movimento político, ocorreram entre a Câmara e o Governador da Capitania de São Paulo, contra o qual se havia feito forte carga a pretexto de que não dava a devida atenção aos reclamos do povo da Comarca.

Que o movimento emancipacionista ainda não estava maduro prova-o o fato de se levar mais quarenta anos, em marchas e contra-marchas, até que a separação de São Paulo afinal se efetivasse, em circunstâncias decorrentes menos do esfôrço próprio e da iniciativa dos paranaenses que das contradições da política nacional.

Instalação da Vila de Paranaguá.
Detalhe de um quadro histórico existente na Prefeitura da cidade.

A crise bancária foi um fato entre 1966 e 1967. Bancos fecharam agências. Outros, foram incorporados por organizações financeiramente mais poderosas. Mas o BANESTADO cresceu. Aumentou o número de suas agências, que hoje são 92. Ampliou o volume de aplicações, cuja média mensal, entre 1966 e 1967, foi superior em 100,2 por cento à do ano de 1965. Os depósitos, principalmente, testemunho da confiança do público e do empresariado paranaense na instituição, elevaram-se a níveis jamais atingidos. No mesmo período — 66/67 —, a média mensal foi 93,1 por cento maior que em 65. Isso são números. Números verdadeiros. Números significativos. Números que afirmam:

UM BANCO VENCEU A CRISE

Texto de MILTON CAVALCANTI

"Num ano difícil, em que o Govêrno se empenhou na contenção dos meios de pagamento, o setor bancário teve poucos momentos de tranqüilidade". Essa afirmação é da Revista Visão, numa análise da economia Nacional em 1967 publicada na edição especial "Quem é quem na economia brasileira", de 7 de setembro passado. O quadro descrito reflete um dos aspectos da crise que desde 1966 vem preocupando os empresários nacionais, os quais apontam como uma das causas mais importantes a escassez do crédito.

Os dados que retratam a atuação do Banco do Estado, no mesmo período, contrastam bastante com êsse panorama pessimista. Os depósitos, por exemplo, tiveram um aumento de 62,5 por cento entre janeiro a outubro, demonstração evidente da confiança que o estabelecimento oficial de crédito desfruta entre as classes produtoras paranaenses. Êssa constatação é mais significativa ainda ao se levar em conta as dificuldades conhecidas que afetaram a arrecadação do Tesouro do Estado no primeiro semestre do ano em curso, o que representou uma queda nos depósitos oficiais. Ao mesmo tempo, porém, constatou-se o aumento dos depósitos do setor particular em escala tão significativa que, no período referido, inverteu-se uma tendência tradicional, não sòmente do Banestado como de todos os bancos oficiais: a da predominância dos depósitos do setor público sôbre os particulares. E os dados acusam não

CONFIANÇA DOS EMPRESÁRIOS E DO PÚBLICO MODIFICOU A TENDÊNCIA TRADICIONAL DE PREDOMÍNIO DOS DEPÓSITOS OFICIAIS. HOJE, OS DEPÓSITOS PARTICULARES SÃO MAJORITÁRIOS, COM VANTAGEM DE 60 POR CENTO

apenas a inversão dessa tendência. Demonstram que o anterior predomínio absoluto dos depósitos oficiais, da ordem de 70 por cento, passou agora para o setor das economias privadas que já são superiores em 60 por cento.

Essa mudança é conseqüência de persistente ação da atual diretoria do Banco junto ao setor particular, principalmente as classes produtoras paranaenses, já sensibilizadas para o importante papel que o Banestado desempenha na economia estadual.

"Apesar de expressivo êsse resultado — afirma o presidente Júlio Manfredini Júnior —, vamos prosseguir na campanha junto à poupança privada com vistas a atingir a meta dos 70 por cento de depósitos particulares.

Êsse objetivo, que representa determinação expressa do governador Paulo Pimentel, tem por base uma salutar e realista política de administração bancária calcada na constatação de que os depósitos particulares são, pela sua própria natureza, mais duradouros e estáveis que os públicos. Êsses últimos, esclarece o presidente do Banestado, estão em geral vinculados aos programas de obras governamentais e pelo vulto dos programas atualmente em execução, que representam volume muito alto de investimentos, se pulverizam e esgotam ràpidamente, provocando oscilações não muito salutares para a liquidez de uma instituição creditícia do porte e com as responsabilidades do Banco do Estado do Paraná."

SEGUE

Agência do BANESTADO em Assis Chateaubriand, uma das últimas inaguradas. Servirá a uma região de progresso impressionante e deverá se transformar em importante fator de desenvolvimento para aquele município.

O Diretor Artur Claudino dos Santos, o deputado Roberto Galvani e o Prefeito de Assis Chateaubriand, em flagrante colhido durante o coquetel oferecido pelo Banco na oportunidade da inauguração da nova agência, localizada na sede daquêle Município.

MÉDIA MENSAL DE DEPÓSITOS EM 1966 E 1967 COLOCA O BANESTADO EM POSIÇÃO DE LIDERANÇA NO SETOR BANCÁRIO SÈRIAMENTE ATINGIDO PELA QUEDA NOS DEPÓSITOS À VISTA

A agência de Cianorte vai dinamizar a economia da região, principalmente no setor agropecuário através dos novos instrumentos à disposição do Banco: o FUNAGRI — R e F, a Nota de Crédito Rural, a Nota Promissória Rural e a Cédula Pignoraticia, instituídas no Decreto-lei nº 167.

O espetacular aumento dos depósitos registrados pelo Banestado entre janeiro e outubro, quando ultrapassou a casa dos 100 milhões de cruzeiros novos (100 bilhões antigos), é uma prova da solidez atingida pela organização principalmente se fôr considerada a situação geral do País no mesmo período.

Diz o artigo da revista Visão que entre os fatores importantes para a preocupação do setor bancário está a "acentuada queda nos depósitos à vista, com recuperação gradativa mas sempre insatisfatória no decorrer do ano". Mas essa constatação de 1967 é o prolongamento da crise iniciada em 1966, quando os depósitos bancários iniciaram a queda que tem causado sérias preocupações às lideranças do setor. Ainda aí, porém, evidenciou-se uma sólida posição do Banestado que pode ser aferida nos dados a seguir. Entre 31 de janeiro de 1966, data da posse do atual govêrno, e outubro do corrente ano a média mensal de depósitos foi 93,1 por cento superior à média de todo o ano de 1965 (quase o dobro).

OTIMISMO E CONFIANÇA SÃO CARACTERÍSTICAS DE DIRETORES E FUNCIONÁRIOS DO BANCO. O TRABALHO DE EQUIPE JUSTIFICA O SUCESSO

A euforia do êxito contamina todo o funcionalismo do Banco do Estado. Desde o presidente Júlio Manfredini, que não esconde seu contentamento com a vitória do plano de expansão do estabelecimento, a reportagem encontra o mesmo espírito otimista em todos os contactos realizados para colher dados e informações sôbre a situação do Banestado. O diretor-superitendente Guilherme de Lara e o secretário Renato Albuquerque Cavalcanti informam que com a inauguração das agências de Assis Chateaubriand, Paraíso e Cianorte, na região Norte e as de Coronel Vivida, Itapejara do Oeste e Marechal Cândido Rondon, no Sudoeste, foi atingido o número de 92 agências. O fato vem mais uma vez contrastar com o panorama geral pois no artigo da Visão destaca-se, também, como fator de intranquilidade do setor bancário nacional as "pressões governamentais para redução dos custos operacionais dos bancos, provocando o fechamento de agências de reduzido movimento e absorção de bancos de menor expressão". Face a essa política do Govêrno Federal através do Banco Central é significativa a concessão de mais quatro Cartas-Patentes que êste último acaba de dar ao Banestado para instalar, futuramente, mais quatro agências: duas no interior do Estado, em Planaltina e Munhoz de Mello, e as outras duas em São Paulo e Pôrto Alegre. Outra agência será aberta, pròximamente, em Joinvile, Santa Catarina. Dêsse modo, além de ampliar seus departamentos no Paraná, o Banco oficial aumentará sua atuação na área econômica mais importante do País (já tem duas agências em São Paulo, uma na Capital e outra em Santos) e iniciará suas atividades em mais dois Estados sulinos, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

SEGUE

Gerente e funcionários da Agência de Cianorte no dia da inauguração. À qualidade e ao espírito público do funcionalismo do Banco muito se deve os espetaculares resultados colhidos nos dois últimos anos.

O comparecimento maciço da população à inauguração da agência de Paraíso do Norte, foi o atestado do prestígio e da confiança que desfruta o estabelecimento oficial de crédito. Graças a essa confiança o Banestado atravessou sem problemas a crise que entre 66 e 67 atingiu o setor bancário nacional.

AUMENTO NO VOLUME DAS APLICAÇÕES DEMONSTRA A PRESENÇA DO BANESTADO ESTIMULANDO A ECONOMIA PARANAENSE E PROMOVENDO O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

O entusiasmo pelo trabalho interno do Banestado é demonstrado pedo funcionário João Milchewski, sub-chefe do DEPLA — Departamento de Planejamento — que elogia os esfôrços da diretoria no sentido de melhorar os padrões de serviços do Banco afirmando: "As reuniões periódicas com gerentes e funcionários graduados, tanto do interior como da Capital, onde são analisados os resultados financeiros obtidos e o comportamento da economia local, muito têm contribuido para aumentar a eficiência dos serviços". Tosihiro Ida, economista do mesmo Departamento, fornece os dados sôbre a expansão dos depósitos e aplicações do Banco e faz questão de chamar a atenção da reportagem para os êxitos obtidos. "Compare o volume de aplicações registradas em 31 de janeiro de 1966, quando assumiu o atual govêrno — diz com entusiasmo —, com os números registrados em 31 de outubro passado. Verifica-se o expressivo acréscimo de 67,1 por cento, prova inequívoca da participação do Banestado na promoção do desenvolvimento econômico do Paraná através de financiamentos maciços às atividades produtoras."

Nesse setor a comparação da média mensal de aplicações entre 31 de janeiro de 1966 e outubro passado, com a média mensal do ano de 1965, eleva-se ao índice impressionante de 100,2 por cento, mais do que o dôbro, portanto.

As metas atingidas pelo Banestado colocam-no entre os principais estabelecimentos oficiais de crédito do País. "Já atingimos o quarto lugar entre os maiores bancos oficiais dos Estados — diz o diretor Arthur Claudino dos Santos — levando-se em conta um elemento represenativo da solidez do estabelecimento, como é o ítem Capital e Reservas. Pelo quadro publicado na edição da revista Visão, dedicado à economia brasileira, verifica-se que, acima do Banestado, estão apenas três Bancos estaduais: o Banco do Estado de S. Paulo, Banco do Estado de Minas Gerais e o Banco do Estado da Guanabara. Vale destacar que o dado publicado naquele trabalho, de NCr$ 15.367 mil, referente a Capital e Reservas, já está ultrapassado pois já atingimos a casa dos NCr$ 16.150 mil."

A evolução de Capital e Reservas, nos últimos cinco anos, foi da ordem de 1.974 por cento, afirmação do apôio dos acionistas, da sempre crescente preferência do público e de uma orientação administrativa sadia e fecunda.

AGRICULTURA E PECUÁRIA TÊM FINANCIAMENTOS VANTAJOSOS COM O DEPARTAMENTO DE CRÉDITO AGROPECUÁRIO ÓRGÃO QUE ATUA ATRAVÉS DA RÊDE DE AGÊNCIAS DO BANESTADO NO INTERIOR

Um dos departamentos mais novos do Banestado é o DECAP — Departamento de Crédito Agropecuário, através do qual atua a Carteira Rural, criada em 1964. Subordinado diretamente à Diretoria, o DECAP tem se expandido através da rêde de agências do Banco no interior, principalmente na região Norte o grande celeiro da produção paranaense. A operosidade da Carteira Rural do Banestado vem preenchendo uma lacuna, várias vêzes denunciada por NP, representada pela deficiência sempre reclamada pelos produtores do interior, de crédito fácil para os produtos da lavoura e da pecuária (Ver NP, edição de setembro de 1967, "O que Virá Depois do Asfalto?") Ligado principalmente à ação dos diretores Arthur Claudino dos Santos, Nelson Petschow e Caetano Braga Côrtes, o DECAP tem amparado a produção com financiamentos ao criador e lavrador paranaense, através de títulos de créditos específicos como a Nota de Crédito Rural, a Cédula Pignoratícia e a Nota Promissória Rural, instituidas no Decreto-lei nº 167.

"Agora mesmo — diz Nelson Petschow, diretor da Carteira Industrial e Rural Norte, — através da Resolução nº 69 do Banco Central, tivemos condições para estender mais ainda a atuação do Banestado na economia paranaense, dentro do setor rural. Além disso, como agente financeiro do FUNAGRI-R e F (Funfértil), pudemos levar diretamente ao interior do Estado êsses estímulos do Bancentral ao barateamento da produção, através de financiamentos a taxas de juros e comissões sumamente vantajosas para o produtor. Estamos assim — concluiu aquêle diretor —, dando cumprimento fiel às determinações do governador Paulo Pimentel no sentido de que o Banco do Estado se constitua, cada dia mais, num dos principais suportes das atividades econômicas do Estado, especialmente no que diz respeito à produção agropecuária, base para um desenvolvimento econômico equilibrado e livre de distorções perigosas, capazes de criar pontos de estrangulamento desnecessário e perfeitamente evitáveis."

A solenidade de instalação de novas agências é uma cena comum no Norte do Paraná. Na foto, flagrante colhido quando da inauguração da agência de Paraíso do Norte, destacando-se os diretores Nelson Retschow e Artur Claudino dos Santos, o alto funcionário João França, o prefeito Jaime de Toledo e o deputado Wilson Fortes

Bacilla Neto

CANDIDATO EM 70
só se unir os carangueijos da ARENA

A "Arena" é balaio de paradoxais posições políticas. Carangueijos do PSD sentindo as presas cortantes de udenistas. Petebistas nem tão fanáticos tentando conversar com siris do PRP, enquanto pedecistas, de tantas colorações, buscando o diálogo nessa cesta empanturrada de pretensões, de boatos, fofócas e de antigas rivalidades.

O govêrno é um convite irresistível do poder e coube a Paulo Pimentel, vencedor em 65, fazer o acêno para que todos participassem da condição governista. E usou, numa linguagem de estadista consciente do processo de evolução da política paranaense, depois da Revolução de Março, da tése de que deveriamos ter concórdia e uma "paz" estadual necessária para a grande luta comum a que todos devemos participar. E foi assim que o balaio ficou maior, com um mundaréu de carangueijos tentando viver a idéia de participação comum num partido feito de cima para baixo.

As premissas de 70

Só o milagre da política, com seus imponderáveis, tem permitido que, no Paraná, se alcance o incrível terreno de uma vivência comum de políticos provindos de tantas latitudes ideológicas e partidárias. Some-se a isto a paradoxal circunstância de que em conseqüência de lutas históricas — a partir, principalmente, de 1960 — há indisposições pessoais, algumas intransponíveis, que tornam eriçado, ponteagudo e tormentoso o processo de relações entre os líderes políticos. Malgrado tudo isto, o Paraná vive, diversamente de outros Estados, uma aparente "pax", que interessa, inclusive à própria realidade partidária brasileira, assim como aos mais responsáveis vultos da política de nosso país.

Agora, quando estamos no fim de 67 e início de 68, já podemos — quiçá num "furo" desta revista — revelar aos leitores que as premissas da grande luta sucessória de 70 já estão sendo trituradas em discussões de líderes os mais destacados e responsáveis da vida paranaense.

Aglutinação

Houve, nos últimos dias de 67, em Curitiba, dois encontros. Ambos secretos. Muito comentados, sem embargo de que jornalistas dele não participaram. O primeiro foi realizado na residência do deputado Aníbal Curi, secretário-geral da "Arena" e contou com a presença do governador Paulo Pimentel, senador Adolpho de Oliveira Franco e o ex-governador da Guanabara, sr. Rafael de Almeida Magalhães, figura muito ligada ao prof. Bento Munhoz da Rocha Netto. Depois disso, sem a presença do governador paranaense, as conversações continuaram na residência do prof. Munhoz da Rocha.

E o que foi que se conversou? E em que medida os temas ventilados podem interessar-nos?

Uma tése defendida pelo consenso desses líderes foi a de que no processo sucessório de 70, uma das idéias que deveria predominar seria a de que o candidato da "Arena" representasse a melhor possibilidade de aglutinação do balaio de carangueijos que o partido situacionista representa. Essa é, pois, uma barreira que o pretendente à condição de concorrente ao Palácio Iguaçú, em 70, deverá transpôr. É, ao menos, o que ficou, nas suas linhas gerais, assentado nos dois encontros a que nos estamos referindo. Se o candidato não coagular fôrças isto significará um terrível tropeção para o próprio partido do govêrno, neste Estado, circunstância que desserve aos próprios interêsses políticos dos escalões mais altos dessa área, no Brasil.

As malícias

A idéia central é, pois, de que deve continuar a "pax" política no Paraná, tendo como fiadora a crescente e progressiva estrutura da "Arena", que precisa ser um organismo em fase de homogeneização, sem o que o próprio processo revolucionário brasileiro não se interessará e nem contribuirá, com suas atenções, para a sorte harmônica do desfecho favorável ao governismo para 1970.

Mas, a malícia, que já está sendo comentada, é de que os dois encontros reportados significam, também, um passo a mais no estágio de congraçamento político dos srs. Paulo Pimentel e Munhoz da Rocha. A união desses líderes democráticos, no Paraná, com a estruturação de algumas téses, como a de que o candidato da "Arena", com o apôio do govêrno do Estado, deve ser o homem que melhor aglutine todos os carangueijos "arenistas" é, certamente, uma idéia maliciosa, que se constitui numa preliminar para compreender e acompanhar o processo da sucessão governamental do Paraná, em 1970.

No rebolo das fofocas

Na opinião circulante nos meios políticos curitibanos o nome do deputado federal LÉO DE ALMEIDA NEVES é, dentre os líderes do MDB, o que mais teria possibilidades para disputar a sucessão em 1970. • *O senador NEY BRAGA que, ostensivamente, tem declarado que concorrerá à sucessão governamental, tem sido um dos mais ardorosos defensores da tése da implantação da sub-legenda, no sistema partidário brasileiro.* ○ O deputado federal ACCIOLY FILHO, que representou o Brasil em conferência na ONU, tem revelado, pessoalmente, sua admiração por vários aspectos da sociedade norte-americana. • *O prefeito OMAR SABBAG, de Curitiba, desejava um outro candidato à presidência da Câmara de Vereadores, que não o sr. ACYR JOSÉ. Como, todavia, o sr. PAULO PIMENTEL se inclinasse pela reeleição do presidente Acyr José, o prefeito da Capital integrou-se nessa candidatura, que foi vitoriosa. Dos 20 vereadores, houve, apenas, um em branco.* ○ A eleição para a presidência da Assembléia, em fins de fevereiro, já tem quase uma duzia de candidatos, dentre êles o atual presidente JOÃO MANSUR, o líder da maioria TULIO VARGAS, o deputado ERONDY SILVÉRIO, o deputado ARMANDO QUEIROZ, entre outros. O problema tende a ficar, cada vez mais, complicado. Sabe-se que o govêrno pretende, 15 dias antes do pleito, fixar sua preferência, depois de um levantamento de preferências entre os parlamentares situacionistas. ○ *O deputado PAULO POLI tem, em seu poder, um documento assinado pela maioria dos "arenistas" na Assembléia, fixando posição favorável ao rodízio da Mesa do Legislativo. Pretende fazê-lo válido, na oportunidade própria.* • O senador RUBENS DE MELLO BRAGA, que foi suplente do sr. Amaury de Oliveira e Silva, já disse que sua itenção é concorrer a uma das duas cadeiras de senador pelo Paraná, em 1970. • *A propósito do sr. AMAURY SILVA, diz-se que é sua firme intenção retornar ao Paraná.* • O governador PAULO PIMENTEL, que no mês de dezembro viajou para Espírito Santo, tem, para o início de 68, viagens para a Bahia, Piauí, Mato Grosso e Goiás, entre outros Estados brasileiros. • *Registra-se, cada vez mais intensamente, movimento visando a identificação política entre os dois líderes que disputaram a governança do Paraná em* 1965: *PAULO PIMENTEL* e *MUNHOZ DA ROCHA.* ○ O Ministro IVO ARZUA estaria inclinado a somar fôrças políticas com a área "pimentelista", inclusive, dispondo-se a pleitear candidatura para uma das cadeiras de senador, em 70. • *O deputado federal AGOSTINHO RODRIGUES, com muita circulação nas rodas políticas curitibanas, já que a Câmara está em recesso, destacando a união da bancada federal paranaense nessa Casa do Congresso.* • O deputado JORGE CURI, solteiro inveterado, deverá casar-se, no início de 68, com uma irmã do deputado PADRE GODINHO.

NP

O TRANSPORTE MAIS RÁPIDO
ENTRE SÃO PAULO E
NORTE DO PARANÁ

ENCOMENDAS ENTREGUES EM
24 HORAS

TARIFAS BAIXAS E RIGOROSA
OBSERVÂNCIA DOS HORÁRIOS

DIÀRIAMENTE

DE SÃO PAULO PARA
OURINHOS — CAMBARÁ — ANDIRA — BANDEIRANTES — SANTA MARIANA — CORNÉLIO PROCÓPIO — LONDRINA — CAMBÉ — ROLÂNDIA — ARAPONGAS — APUCARANA — JANDAIA DO SUL — MANDAGUARI — MARIALVA — MARINGÁ E VICE-VERSA

EMPRÊSA TRANSPORTADORA
ANDRADE LIMITADA

SÍMBOLO DE GARANTIA,
PONTUALIDADE E RAPIDEZ

ESCRITÓRIO CENTRAL:
RUA HENRIQUE DIAS Nº 67
FONES: 93-6297 — 63-9894 — 63-2433
SÃO PAULO — CAPITAL

A revolução do gado no Paraná começou no dia em que um jovem Secretário de Agricultura, chamado Paulo Pimentel, assumiu o cargo. Ao tomar conhecimento dos relatórios sôbre o baixíssimo padrão do rebanho bovino estadual, êle decidiu iniciar um programa agressivo de aprimoramento dos plantéis. Adquirindo reprodutores de alta linhagem e trocando-os, no interior do Estado, por animais sem boas características raciais, êle conseguiu, em cinco anos, elevar verticalmente o padrão zootécnico do rebanho paranaense, que é hoje um dos melhores do Brasil. O coroamento dêsse trabalho é feito agora, na 2ª Exposição-Feira «Governador Paulo Pimentel», quando animais de todos os Estados criadores concorrerão com os produtos paranaenses, numa disputa que já não é mais sistemàticamente desfavorável a nós. Os entendidos poderão comparar e concluir, satisfeitos:

nosso gado tem linha

Criadores de todo o Brasil têm, entre 16 e 24 de março próximo, um encontro marcado no Paraná: nesse período, no Parque «Presidente Castelo Branco», em Curitiba, estarão sendo realizadas a 2ª Exposição-Feira «Governador Paulo Pimentel» (em caráter nacional) e a 4ª Exposição-Feira de Animais e Produtos Derivados. Trata-se de promoções do Govêrno do Estado, por intermédio de sua Secretaria da Agricultura.

Os objetivos das mostras, que serão realizadas simultâneamente e deverão — segundo previsão dos membros da comissão organizadora — receber a visita de cêrca de 1 milhão de pessoas, são definidos em cinco pontos:

1. Permitir aos criadores de todo o País avaliar o que está sendo feito — em têrmos de aprimoramento dos padrões zootécnicos dos rebanhos — nos principais centros produtores brasileiros.
2. Mostrar o que o Paraná está realizando com vistas ao crescente desenvolvimento qualitativo e quantitativo de seus plantéis.
3. Oferecer condições a um estreito intercâmbio de conhecimentos entre pecuaristas e técnicos dos mais diferentes Estados da Federação.
4. Estimular a introdução dos mais modernos processos técnicos, sobretudo no que diz respeito à inseminação artificial e ao confinamento dos rebanhos bovinos.
5. Dar ao homem da cidade uma noção dos problemas do produtor rural, ensejando um diálogo entre ambos e lançando as bases dos entendimentos que deverão nortear a integração campo-cidade.

Cêrca de 1.500 reprodutores e matrizes, oriundos do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso, Minas Gerais e Bahia serão apresentados naquelas exposições. Bancos instalarão agências no próprio recinto do parque, proporcionando financiamentos rápidos e a juros mínimos aos criadores interessados na compra de animais durante os leilões.

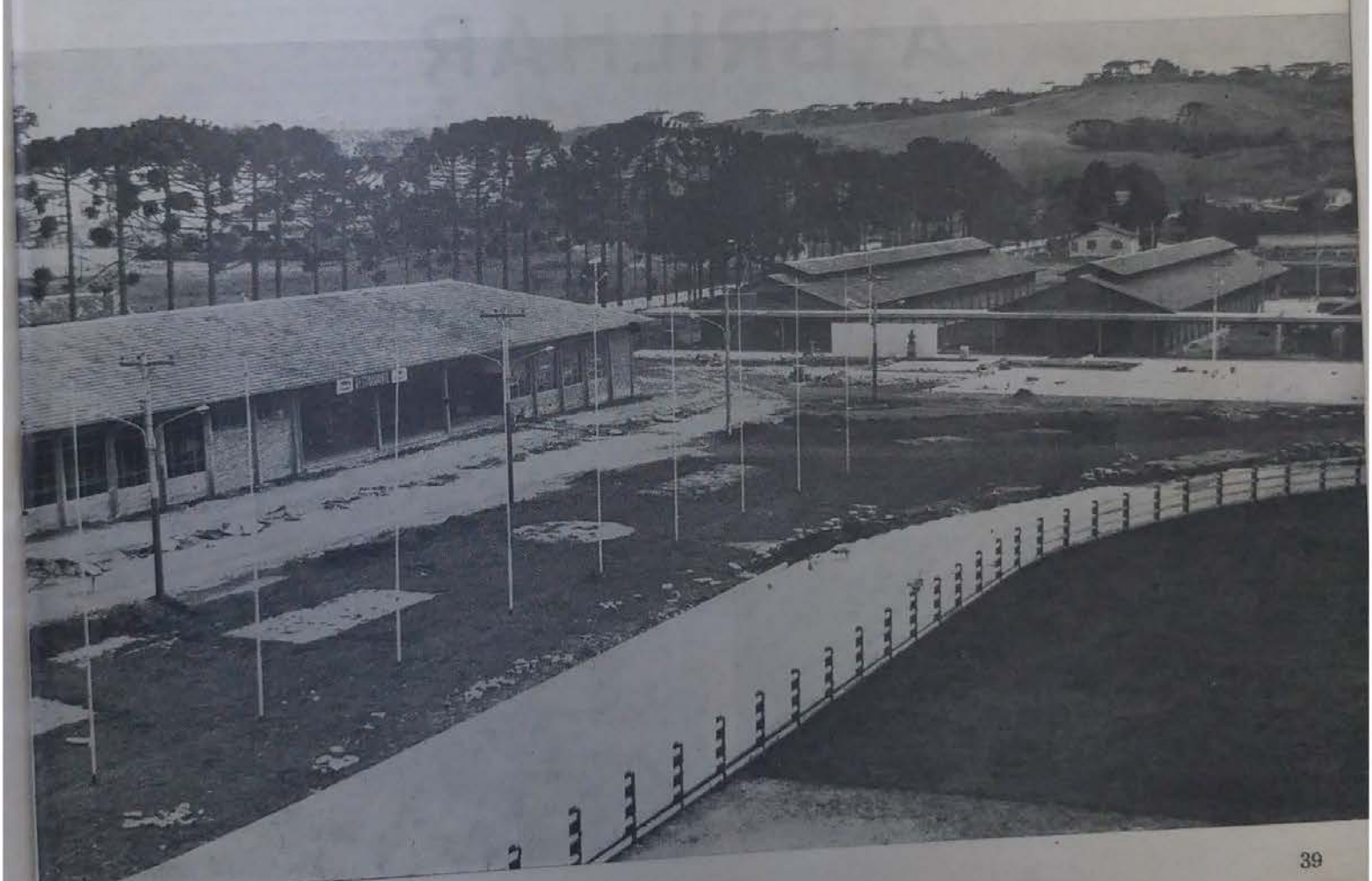
O Parque «Presidente Castelo Branco», a sete quilômetros de Curitiba, está sofrendo várias modificações, que irão consolidar ainda mais sua posição de um dos melhores recintos para exposições agropecuárias de tôda a América do Sul. Tudo está sendo previsto, a fim de que o público possa assistir, dentro de condições de confôrto ideais, o grande desfile da pecuária nacional.

E, além do mais, a comissão organizadora está preparando um conjunto impressionante de espetáculos, que se revezarão ininterruptamente no picadeiro central no parque, diàriamente, das 10 às 23 horas. Domas, touradas, rodeios, grupos folclóricos, demonstrações de cães amestrados, bandas militares, fanfarras estudantis, torneios hípicos e desfile de animais — eis algumas das atrações já garantidas.

O secretário da Agricultura do Paraná, sr. Oscar Felipe Amaral, afirma que a 2ª Exposição-Feira «Governador Paulo Pimentel» e a 4ª Exposição-Feira de Animais e Produtos Derivados deverão — à exemplo dos certames anteriores — exercer reflexos bastante expressivos sôbre o desenvolvimento da pecuária estadual, acentuando o espírito de emulação entre produtores e incutindo em seus espíritos a preocupação de aperfeiçoar cada vez mais seus métodos de produção.

— O Paraná, acrescenta êle, caminha a passos rápidos para a meta de possuir, qualitativamente, um dos primeiros rebanhos animais do Brasil. As exposições que estamos preparando nos ajudarão em muito a atingir tal finalidade.

Tudo está sendo feito pela Secretaria da Agricultura para que a II Exposição-Feira Governador Paulo Pimentel seja uma imagem exata do progresso já atingido pela pecuária paranaense. As obras de ampliação e melhoria do Parque Presidente Castello Branco (foto em cima e abaixo) se desenvolvem em ritmo acelerado para permitir o máximo rendimento da exposição.



Umuarama, ontem à noite. Amanhã será muito mais viva. Até 30 de novembro tinha 1.377 ligações e já está providenciando, através de cooperativas, a eletrificação rural junto com a COPEL.

UMUARAMA CONTINUA A BRILHAR

O asfalto e as luzes intensas a mercúrio transformaram Umuarama neste fim de ano numa metrópole festiva. Quem não a via há alguns meses se surpreendeu com as mudanças e compreendeu porque aquele viajante a comparou a uma árvore de Natal.

Avenida Paraná: o asfalto e a luz determinaram o surgimento de prédios novos e de organizações comerciais modernas.

A CADA MÊS MAIS 45 CASAS

Fôsse o Paraná um Estado bem servido de estatísticas poder-se-ia argumentar com dados à mão. Mas a impressão visual, e o conhecimento do que o setor privado e público fazem em Umuarama levam qualquer um a afirmar que em têrmos relativos se trata da cidade de maior progresso de todo o Estado. Seu ritmo de desenvolvimento é equiparável e em certos casos até superior ao da Capital do Estado, de Maringá e de Londrina. Já conta com quase 5 mil prédios na área urbana, com média diária de construção de 1,5 unidades e isso é fàcilmente atestado pelo telhado nôvo do casario.

Mas é claro que há semelhanças no desenvolvimento de Umuarama com o das cidades-cogumelo do Paraná. A colonização da Melhoramentos, o elemento humano que se deslocou para lá, a qualidade das terras são alguns dêles. Os outros, ferramentas indispensáveis no progresso paranaense, são o espírito de iniciativa dos seus empresários e trabalhadores e a ação da Prefeitura. O sr. Marciano Baraniuk, o prefeito, tem horror à demagogia e lança-se à tarefa, que não dá votos porque fica embaixo da terra, de implantar a infraestrutura do desenvolvimento urbano com uma rêde de galerias que assegure defesa permanente da cidade contra a erosão, fenômeno muito comum na região. Só depois de vacinar a avenida central contra a ação erosiva é que partiu para o asfalto. Hoje a avenida Paraná já conta com pavimento asfáltico e foi o que bastou para mudar completamente a fisionomia da sede. Imediatamente o nível estético e funcional das construções mudou de maneira impressionante: novos estabelecimentos comerciais — restaurantes, lojas, petiscarias — surgiram com características avançadas. Anúncios luminosos, as lâmpadas com filamento de mercúrio vieram modernizar o centro de tal maneira que um viajante o comparou a uma árvore de Natal tal a beleza do cenário que modificou tanto em pouco mais de dois meses.

Para realizar tanto no que diz respeito a obras públicas é indispensável contar com maquinário ultra moderno. Há 4 motoniveladoras, 2 tratores e 1 pá carregaderia

A meta é chegar aos 12 mil metros de tubos para galerias e até agora já foram assentados cêrca de 7 mil.

ESPÍRITO DE LIDERANÇA, UMA ARMA NÃO SECRETA

Em cada rua, praça ou avenida da cidade como em cada distrito, ou mesmo nas estradas intermunicipais, a presença da administração de Umuarama se reflete em obras importantes.

O que dá bem a medida do espírito de iniciativa dos homens de Umuarama não está apenas na sua produção agropecuária, no seu desenvolvimento urbanístico e cultural. Apesar de se constituir em cidade jovem, com apenas 12 anos de fundação, ela traduz em iniciativas do Rotary e do Lions como está sensibilizada a sua comunidade para o exercício da liderança. Enquanto o Rotary, através do seu presidente, o médico Severino de Carvalho Cantarelli, sem prejuízo de campanhas assistenciais, coordena pràticamente a mobilização local para a obtenção dos recursos destinados às obras civis da Telepar, visando interligar o serviço telefônico ao interurbano em micro-ondas o Lions Club se empenha numa cruzada original: «alfabetização pelo rádio» que visa, segundo o dirigente leonístico, o advogado Nabor Moraes Netto, erradicar o analfabetismo no município.

O prefeito Marciano Baraniuk — que participa ativamente das duas campanhas, na primeira com a quota de seis mil cruzeiros novos e oferta de área e instalações para a tôrre e sede da Telepar e da segunda com recursos financeiros e cessão de 30 professôres municipais — cita os dois casos para realçar o alto nível de liderança de Umuarama e o quanto está impregnada de espírito comunitário.

«Governar assim é um privilégio», afirma o prefeito Baraniuk, mostrando que no exemplo está uma das razões básicas do progresso.

SEGUE

NA ONDA DO ALFABETO

A primeira experiência oficial de um sistema radiofônico de alfabetização, destinado a instrução elementar e educação de base, foi lançado em novembro, coordenado pela ALFA — Alfabetização de Adolescentes e Adultos — e contando com o apoio do Lions Sindicatos de Trabalhadores e Prefeitura. Lecionam 30 professôres municipais e 17 estaduais para os 3 mil alunos matriculados. A «fase muda» — contato direto entre professôres monitores e alunos para observação e análise — antecede a «fase falada». A professôra Léia Rossi, treinada em Curitiba, orienta as aulas pela Rádio Cultura de Umuarama. A repercussão foi de tal ordem que o Ministério da Educação mandou uma equipe para apreciar o trabalho. Uma cartilha, chamada «O Paraná Alfabetiza», segue o método global, isto é parte da frase para o domínio das palavras que a compõem.

A LUTA PELA MICRO-ONDA

Os 400 aparelhos telefônicos de Umuarama dentro em pouco poderão entrar em contato com a rêde interurbana, o que trará benefícios incontáveis para o comércio, a indústria e a agricultura. Legislativo e Executivo municipais, entidades culturais e das classes produtoras se associaram ao empreendimento do Rotary de levantar os fundos indispensáveis para as obras civis, orçadas em 46 mil cruzeiros novos. Além de possibilitar a implantação de um serviço básico interligado ao sistema de telecomunicações regional, a iniciativa tende a ser imitada em outros empreendimentos, inclusive como retribuição de investimentos em ações da Telepar.

Outra vigorosa demonstração dêsse espírito de liderança — segundo o prefeito Marciano Baraniuk — está presente em várias iniciativas de sentido público como o caso do Hospital Regional, movimento estimulado pela Municipalidade como os demais, e que visa reunir vários médicos dentro de uma sociedade para atender as exigências da região. Em outros setores a atuação dos clubes de serviço se manifesta e os I Jogos da Primavera, bolados pelo Rotary, constituem outro exemplo edificante, reunindo na cidade, além de representações atléticas locais as dos municípios de Alto Piquiri, Cruzeiro D'Oeste, Cianorte, Moreira Sales, Xambrê, Terra Boa e Cidade Gaúcha.

«Considero o esporte e a recreação fatôres importantes no desenvolvimento da sociedade. Essa a razão porque demos pleno apoiamento aos jogos, auxiliamos clubes recreativos e pretendemos dotar a cidade de um Estádio Municipal para o qual já consignamos a verba indispensável de 62 mil cruzeiros novos destinada a alambrados, muro, gramado e demais instalações.» O prefeito Baraniuk entende que se a comunidade tomar as iniciativas, à Prefeitura cabe apoiá-las.

DIVIDIR Cr$ PARA UNIR

Uma decorrência dêsse espírito, liberto de paternalismo, é o ataque comum com municípios vizinhos a obras de interêsse conjugado. Assim foi o caso da ligação com Xambrê, em 20 quilômetros, feita em 32 dias, com o uso do equipamento comum das duas municipalidades, com um gasto diário de NCr$ 3.300 rachado a dois. A experiência com o prefeito Aristóteles Coelho Rosa vai ser igualmente reprisada com outros municípios da região, não só no caso das estradas como em outros. A idéia do Hospital Regional está enquadrada em tal contexto e visa aproveitar, com máximo de produtividade, os recursos assistenciais das comunidades interessadas.

Isso veio muito a propósito, pois ainda recentemente o secretário do Trabalho enviou circular a todos os municípios frisando que até fevereiro não há vagas em hospitais e órgãos assistenciais da Capital do Estado.

Prefeitura, Rotary e povo se uniram para dar a ligação das telecomunicações com o resto do Estado e do país. Luta semelhante se desenvolve agora para conseguir a sede de bispado. Seus religiosos são progressistas, estimulam a criação de clubes juvenis e já realizaram missas com música jovem à base de guitarra. A matriz caminha no ritmo da cidade.

OBRAS INCESSANTES PARA NÃO BRECAR A CORRIDA DO PROGRESSO

A Prefeitura já implantou 6 a 7 mil metros de tubos em galerias para escoamento de águas pluviais e obras preventivas contra a erosão. A meta até o final da administração é chegar a 12 mil. Só para isso e mais o asfaltamento do centro há uma dotação de 666 mil cruzeiros novos no exercício de 1968. Os tubos são feitos na fábrica municipal e dão uma economia de 50%, caso houvesse aquisição no mercado. Outra economia é a do material — pedrisco, principalmente — retirado do Pôrto de Areia: o custo é de 8 cruzeiros novos o metro e se fôsse comprado em Mandaguaçu, Maringá ou Rolândia nunca seria inferior a 22 cruzeiros novos por metro.

Na parte de asfalto o programa é chegar aos 25 mil metros quadrados numa primeira etapa, abrangendo as avenidas Paraná e Brasil, praças Arthur Thomaz e Santos Dumont e as radiais.

O orçamento de 1968 é uma radiografia de um programa que visa impedir que a cidade, por seus equipamentos urbanos deficientes, venha a estrangular o progresso para o qual todos lutam. A maior dotação é a já referida para obras preventivas e asfaltamento. Há 143,5 mil cruzeiros para água e esgotos. Acontece que há um convênio com o Departamento Nacional de Obras Sanitárias, cuja concorrência pública de serviços se encontra em andamento. O projeto da água é captá-la do rio Piava, fixar dois reservatórios e uma rêde de 11 quilômetros.

Outro setor destacado é o da educação com dotações de 258 mil cruzeiros novos. Já foram construídas 43 escolas rurais e a meta para ser preenchida depende apenas de mais 20. A Escola da Vila Operária, de conclusão recente, é um exemplo do que se faz na parte de ensino. A unidade, de quatro salas, na zona 6 revela o quanto se despende no setor.

Como há 1.300 quilômetros de estradas municipais para 99 de estaduais em Umuarama, a dotação para o setor, embora o volume de obras já realizadas, é de 180 mil cruzeiros novos, entre serviços e equipamentos.

Há também dotações para aquisição de área destinada às casas populares (10 mil cruzeiros novos), reconstrução das praças Miguel Rossafa, Arthur Thomas, parques infantis e arborização (53 mil), início da construção do Paço Municipal e matadouro. O orçamento é um espêlho do que se faz na administração e como se emprega racionalmente os recursos fiscais, cuja previsão para o exercício de 1967 — 1,415 milhões de cruzeiros novos — já havia sido ultrapassada em meados de novembro. Para 1968 o orçamento alcançará 3 milhões de cruzeiros novos, sendo que 950 mil só de ICM.

O Estado arrecada muito bem em Umuarama. De janeiro a julho de 1966 arrecadou mais de 1 bilhão de cruzeiros antigos e em igual período dêste ano mais de 2 bilhões. Até outubro passava de 3 milhões de cruzeiros novos.

«Todo êsse esfôrço de arrecadação será plenamente compensado com o asfalto de Maringá até aqui. Se isso acontecer, dentro do prazo esperado, ninguém mais conterá o impulso de Umuarama» — diz, confiante, Marciano Baraniuk.

Unidades de 4 salas estão disseminadas por vários pontos do município. No setor educação há também a campanha de alfabetização pelo rádio que impressionou as autoridades federais. Embaixo, grupo da Vila Operária. Nesse setor já foram construídas 43 escolas rurais e a Prefeitura vai fazer mais 20.

Nas fotos embaixo, a estrada de Ivaté, que segue o padrão das vias básicas e a excelente estrada Umuarama-Xambrê, modêlo de cooperação intermunicipal.

O pintor e o funcionário, as duas faces de Rene.

A multiface de cada um

RENE

o que ingressou na arte colorindo o tédio

Com a espôsa Gladys e as cinco filhas, Rene Bittencourt é, também, um homem realizado na vida familiar.

O «BARNABÉ» REALIZADO E O HOMEM TRANQÜILO

Rene Pires Bittencourt, curitibano da gema, casado e pai de cinco lindas garotas, barnabé «1-C», sente-se realizado na sua profissão de funcionário público. Nessa carreira incompreendida nada pretende além do que é atualmente. Para êle, os encargos funcionais, apesar de algumas vêzes exaustivos dão a tranquila certeza de que é um homem útil à sociedade. O trabalho cotidiano na Assessoria da Casa Civil do Palácio do Govêrno dá a Rene a sensação de que está realizando alguma coisa pelo seu povo e contribuindo na obra administrativa de um bom govêrno para o progresso de seu Estado.

FORMADO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA NA ESCOLA DA PRÁTICA E DA EXPERIÊNCIA

Tendo percorrido os mais variados setores da administração pública paranaense Rene conhece como poucos os problemas de sua carreira. Ingressou por concurso no Departamento de Águas e Esgôtos, indo trabalhar mais tarde no Departamento de Arrecadação. Quando foi instituída a cobrança do IVC por estimativa colocou em execução o Plano Pilôto dêsse sistema em São José dos Pinhais, pràticamente sòzinho, passando a dirigir depois, um dos setores do Serviço de Estimativa. Foi assessor do Departamento de Cultura, assessor da Diretoria do Departamento de Tomada de Contas, da Diretoria do Departamento de Arrecadação e do Departamento dos Serviços Auxiliares da Secretaria da Fazenda. Trabalhou na Casa Civil do Palácio Iguaçu nos governos Ney Braga e Algacyr Guimarães e nesse último participou, juntamente com Paulo Biscaia e com o atual Secretário da Fazenda Luiz Fernando Van Erven Van Der Brooke, de um estudo para a regulamentação do Gabinete do Governador. No atual Govêrno foi assistente do Gabinete e do Cerimonial, e oficial do Gabinete, antes de exercer as atuais funções de assessor da Casa Civil, em cuja subchefia se encontra no momento.

NO IGUAÇU O «BATENTE» É PESADO

Rene chega às 8 horas no Palácio Iguaçu. Sai às 11,30, às 12, às 12.30 ou às 13 para o almôço. Volta e fica até às 18, 19, 20 e até mais, conforme as necessidades do serviço. O trabalho rotineiro inclui desde o contrôle da correspondência até a supervisão das despesas da Casa Civil. E' um dia-a-dia comum e sem variações cheio de responsabilidades e vasio de destaque. Rene é apenas uma peça da engrenagem, importante mas que muito pouco aparece. Quem o vê, sentado em sua mesa de trabalho ou entrando e saindo dos gabinetes e das ante-salas do Palácio, tem diante de

si a imagem do barnabé enquadrado. Vê o «robot», que cumpre e determina ordens, desligado de qualquer outra preocupação que não seja o cumprimento das tarefas quasi mecânicas da vida funcional.

A OUTRA FACE DA VIDA E O ORGULHO DO ARTISTA

De repente, ao sair do trabalho no fim do dia, tudo muda. Rene passa a viver o «seu» mundo. Um mundo cheio de sensibilidade, de emoção, de vida interior. É o mundo do artista que tôdas as noites, e aos sábados e domingos, vai construindo uma obra já consagrada no cenário da pintura paranaense. O prêmio de melhor pintor do Paraná no Salão do Clube Concórdia em 1966 teve, para êsse artista, uma significação especial. Entre os membros do júri estava Pietro Bardi, do Museu de Arte de São Paulo, historiador de arte e um dos maiores entendidos em pintura no Brasil, o que dá ao título conquistado por Rene valor excepcional e representa um passo decisivo na sua carreira artística.

«Tudo começou sem sentir» — afirma Rene, explicando como se dedicou à pintura. «Houve época, no Paraná, em que era difícil encher o lazer no período de serviço nas repartições públicas. Nesse tempo comecei a desenhar. Passava as horas de trabalho enchendo papéis com rabiscos, o que despertou minha sensibilidade para o desenho e a pintura. Daí passei a frequentar a Biblioteca Pública onde li muito sôbre história da arte e da pintura. Visitei exposições em Curitiba, em São Paulo e no Rio de Janeiro sempre que tinha oportunidade. Até que, aconselhado e encaminhado pelo pintor Alcy Xavier, meu velho amigo e incentivador de minhas incursões pelo desenho e pela pintura, expuz pela primeira vez alguns desenhos no Salão do Clube Concórdia onde ganhei uma Menção Honrosa e algumas considerações bastante favoráveis da crítica e de outros pintores paranaenses. Êsse incentivo contribuiu decisivamente para que me dedicasse à pintura.»

DO CÍRCULO DE ARTES PLÁSTICAS AOS SALÕES POPULARES

Depois dêsse primeiro passo Rene frequentou o Círculo de Artes Plásticas, na sua opinião o melhor organismo de divulgação cultural que já existiu em Curitiba. Funcionava na Biblioteca Pública e lá se reuniam tôdas as noites pessoas interessadas em pintura para assistir filmes, projeções de «slides», cursos e conferências e participar de debates sôbre pintura. Dêsse grupo saíram alguns nomes que hoje ocupam lugar de destaque no cenário das artes plásticas do Paraná, tais como Mário Rubinski, Jair Mendes, Luiz Carlos de Andrade Lima, Adalice Araújo e o próprio Rene Bittencourt.

A partir daí Rene teve uma intensa participação na vida artística de Curitiba. Participou de várias exposições coletivas e já foi premiado com medalha de bronze, em pintura, no Salão Paranaense. Idealizou e organizou as exposições populares patrocinadas pelos jornais Tribuna do Paraná, experiência que considera válida pela característica que até hoje defende: exposições abertas a qualquer pessoa desde que os trabalhos apresentados não fossem cópias; não havia júri de seleção nem de premiação, ao contrário das demais exposições onde, afirma Rene «os juris são sempre formados por pequenos grupos, predominando as «chacrinhas» de pseudo intelectuais que se constituem em verdadeiros círculos fechados querendo subordinar os artistas às suas teses e caprichos.»

Rene aponta como exemplo da validade das exposições dêsse tipo o caso do pintor Antonio Arnei, o grande premiado do Salão Paranaense do corrente ano, e que expôs pela primeira vez em um dêsses salões populares, sendo até então totalmente desconhecido tanto da crítica como do público.

POESIAS ILUSTRADAS UMA EXPERIÊNCIA NOVA

Na mesma época Rene organizou a primeira mostra de poesias ilustradas, iniciativa inédita no Brasil patrocinada pelo Lord Magazin com a participação de poetas e pintores. O poeta dava o texto e o pintor fazia uma ilustração escrevendo na mesma tela, de próprio punho, a poesia.

Acha Rene que foi essa uma das iniciativas de maior êxito popular em Curitiba, despertando o interêsse para as artes plásticas. Organizou ainda também sob o patrocínio do Lord Magazine, o primeiro Salão Feminino de Curitiba.

«GRUPO UM» UM GRUPO DE PROTESTO E UMA TENTATIVA DE ASSOCIATIVISMO

Tendo participado do Salão Paranaense até há cinco anos atrás, Rene afastou-se das mostras oficiais por discordar de sua organização. Dessa divergência, compartilhada por outros artistas nasceu o «Grupo Um». Segundo Rene a idéia amadureceu entre diversos pintores de certa projeção que consideravam o salão oficial excessivamente dogmático, dominado pela preocupação de enquadrar os pintores paranaenses nas diretrizes do movimento artístico de São Paulo e do Rio de Janeiro, sem levar em conta a personalidade e a sensibilidade peculiar de cada artista e a validade de seu trabalho, «como se a pintura pudesse ser comparada às variações da moda, sob a influência de cada estação».

Outra razão da criação do «Grupo Um» foi a dificuldade de ordem financeira que representa a montagem de uma exposição individual. O grande investimento em molduras, convites, divulgação, etc. é mais fàcilmente enfrentado com a união dos pintores que dividem as despesas e podem assim realizar exposições com mais freqüência. O «Grupo Um», por exemplo, criado há menos de dois anos, já está realizando a sexta exposição o que seria bastante difícil para os artistas que o compõem, individualmente.

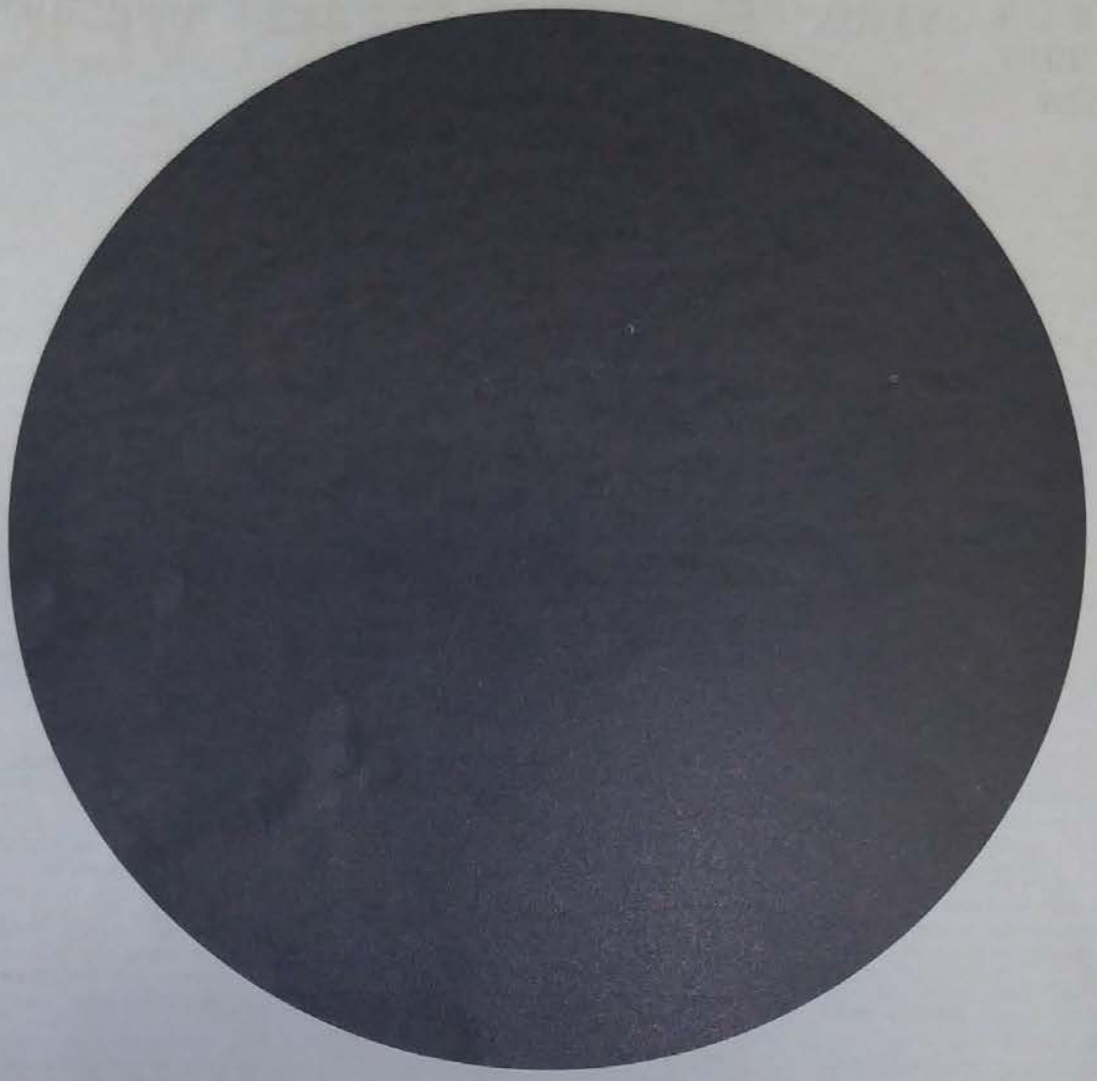
DA ADMIRAÇÃO A ANDERSEN E VIARO, À VENDA DE MAIS DE 100 QUADROS

«Depois de Alfredo Andersen, e sem querer fazer injustiça aos demais, considero Guido Viaro como verdadeiro pai da pintura moderna paranaense» — afirma Rene, que não quer falar em nomes, entre os seus contemporâneos, «porque os novos ainda têm muita luta pela frente e muita coisa pode mudar no caminho.» Quanto à pintura paranaense, acredita Rene que, superada essa tendência de se querer transformar nossos pintores em caudatários do último estilo em moda, tem condições de se impor com outros valôres do mesmo quilate que Andersen e Viaro. «Mas é difícil, ainda, viver de arte no Paraná» — afirma — «pois não existe em nosso Estado mercado para a pintura. Existem algumas pessoas que, às vêzes, compram quadros, ou porque gostam ou porque precisam para decorar uma parede de sua residência ou de seu escritório. Colecionadores mesmo são raríssimos. Mas não posso me queixar. Tenho mais de 100 quadros vendidos em mãos de compradores particulares.»

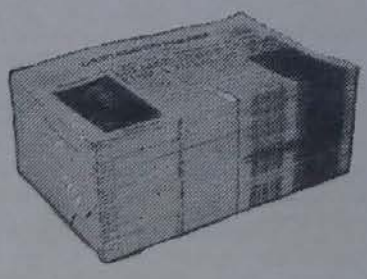
PUBLICIDADE JÁ «QUEBROU GALHO»

Rene é um autodidata, «apesar de tratar-se apenas de um conceito pois na prática o autodidatismo não existe. O indivíduo que frequenta salões, estuda a história da arte e da pintura acompanha os movimentos artísticos, e tem vivência no meio dos colegas, está frequentando a verdadeira escola da arte. Não se ensina ninguém a ser artista. Pode-se fornecer os meios e êsses não são exclusivamente fornecidos nas escolas ou academias.» Já fez desenho publicitário «o que serviu para quebrar muito «galho» financeiro». Também fez ilustrações para livros e jornais. Teve sua experiência em cenário para teatro ao realizar um trabalho para o Grupo de Teatro do SESI. Atualmente, além de ter terminado as obras que vai expor no sexto salão do GUM — Grupo Um —, realiza um painel de 9 x 12 m para o Núcleo Social de Porecatu. Um trabalho semelhante está decorando o Núcleo Social de Vila Feliz e entre os trabalhos de Rene conta-se vários painéis decorativos para residências.

Dedicando tôdas as horas vagas à pintura, Rene tem os seus problemas com a família, e comenta: «às vêzes penso que é egoismo de minha parte ficar pintando em lugar de levar a espôsa ao cinema, visitar os amigos, sair com minhas filhas. Mas se não fizer êsse sacrifício não poderei me realizar como pintor, a aspiração maior que tenho agora na vida. Mas felizmente, todos já estão adaptados a meu modo de ser. Minhas filhas herdaram a paixão pela leitura e a mais velha, Lilian Dayse, com apenas 12 anos já publicou um conto na página literária do jornal «Estado do Paraná». Faz lembrar até o estilo de Saint Exupery. Julgo muito positiva essa influência sôbre os filhos, desde criança já interessados em arte, pintura e literatura, semente que só poderá ser benéfica para sua futura formação intelectual.»



SOBRIEDADE, TAMBÉM



O PRIMEIRO JORNAL PARANAENSE FILIADO AO IVC

Um bom jornal precisa ter manchetes de dois metros de altura?
Muitos acham que sim.
Nós, não.
O ESTADO DO PARANÁ preocupa-se mais em dar a informação precisa, completa do que "manchetear".
Achamos que a boa imprensa não é feita só de tinta e papel.
De sobriedade, também.

O ESTADO DO PARANÁ

O TREM QUE VEIO TARDE

Luiz G. MAZZA

"O eco da lei demora garrar o mato". A sentença é de um escravo, Zeferino Anselmo, que ouví o ano passado em Campina Grande do Sul. Na frase incisiva um mundo de significações em tôrno do imobilismo, ferrugem nas estruturas sócio-econômicas do país.

Lembro-me de Zeferino e das sentenças de sociólogos em tôrno das ilhas culturais, dos vasios brasileiros O contraste mais gritante era que Zeferino — um ex-escravo que vivera mais de 100 anos — se mostrava receptivo ao mundo da televisão, ao transistor que tocava Roberto Carlos e a estria branca deixada no céu pelo avião a jato. E de fato, apesar de todos aqueles engenhos, o éco demora atingir as áreas mais distantes dos centros e vê-se então o povo a sofrer os mesmos dramas sem que a tevê, o transistor ou o avião a jato ajudem a libertar as criaturas guindadas à miséria.

Reflito em tôrno desses problemas, enquanto acompanho na estrada Maringá a Cianorte a alegria de populares saudando a passagem do primeiro trem que dentro em pouco chega em Jussara. Há muita emoção esparramada pelas estradas e nas proximidades de pontes e viadutos: todos querem ver o trem, prometido há dezenas de anos, cruzar aqueles pontos. Vão guardar na retina a imagem do progresso que chega tarde, o que é melhor do que nunca. Serão partícipes, personagens extras de um filme ou de um quadro histórico, serão o povo com sua categoria social e econômica delimitada, a atuar num momento que consideram decisivo. Afinal o trem está vencendo a ponte de Ribeirão Ferraz que substituiu a anterior, demolida. Lá, adiante de Jussara, há outra comprometida, mas que os engenheiros prometem recuperar até o ano que vem para que os trilhos cheguem a Cianorte.

O contraste entre o que o povo faz, a velocidade com que assume responsabilidades e produz riquezas, e a ação do govêrno é gritante.

Mas o raciocínio não é o forte num dia em que tanta gente se vê convocada à sensibilidade. Qual o adulto que não tem ainda dentro de sí os resíduos do menino que desejou um dia ser chefe de trem? E o manancial de ternura que é a estaçãozinha, que merece cânticos como a praça e a banda pelo que tem de afetuoso, onde a namorada sonhadora vai esperar e o rapaz inquieto pensa em viajar e em romper com sua cidade?

Há mais de dez anos, testemunhei em Curitiba um episódio em tudo semelhante: a inauguração da linha eletrificada ferroviária entre Curitiba e Piraquara. Getúlio era o presidente e Bento o governador. Publiquei à epoca uma crônica olhando o aspecto lírico da festividade, recordando ainda que no futuro teríamos saudades dos tempos em que a locomotiva soltava fagulhas e queimava roupas. Pois bem não houve mais fagulhas porque as linhas ferroviárias passaram a contar com máquinas a diesel. Mas a linha eletrificada ficou lá sem evoluir e, segundo consta, vai ser substituida por medida técnica.

Êsse andar vagaroso do nosso país no setor das estradas de ferro é de impressionar e êle revela o quanto estamos longe de fechar as malhas de uma rêde de transportes, onde o trilho e o asfalto se entrosem com as hidrovias, para que se obtenha maior rendimento do labor nacional e se possa distribuí-lo também com mais justiça e equidade.

Quando poderemos nós pensar na linha férrea Ourinhos—Guaira—Pôrto Mendes, na Central do Paraná e mesmo nesse ambicioso esquema rodoviário do govêrno estadual? Basta lembrar que a auto-estrada Curitiba—Paranaguá ainda não está concluida, caminhando pachorrentamente nêsses últimos quinze anos. Logo ela que nos liga ao terminal portuário!

Isso não é nada, o pior é ver que as conquistas, quando consolidadas, não levam seus efeitos a todo o povo. Cidades melhoram em seu porte urbanístico e a verminose, a poucos quilômetros das sédes, mina o corpo de todos, a mortalidade infantil é tão rotineira como o passar das horas ou a perda de safras inteiras. Isso não nos impede de sentir que a conquista da lua está próxima, embora a terra trema sob nossos pés. E entre as reflexões descubro de repente que envelheço e estou ficando um tanto amargo e já não consigo me banhar nessa fonte de lirismo que é o trem chegando pela primeira vez a uma cidade. De fato é uma esperança atendida tão válida que embriaga e entorpece essa gente sofrida do campo, que perde filhos e safras como seu destino fôsse quase sempre perder. E que ganha agora o seu trem e nele reacende a sua alegria.

A. A. DE ASSIS

Prefeitura do Município de Maringá
SECRETARIA DE CULTURA
DIVISÃO DE PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E CULTURAL

QUANDO É TEMPO DE ESPERANÇAS

A direção de NP quer uma crônica que fale de esperanças, porque estamos num tempo de esperanças. Cada ano que começa tem para nós o simbolismo de um pôsto de abastecimento do otimismo, sem o qual seria desastroso viver. Mas quase tudo já foi dito, nesse sentido, em muitas crônicas que muita gente já escreveu em muitos inícios de ano.

Em todo caso, a própria solicitação de que seja escolhida a esperança como tema já é um estímulo, um encorajamento, um despertar do desejo de crer em alguma coisa nova que possa surgir no mundo, neste 1968, capaz de tornar a humanidade menos angustiada.

Crer, por exemplo, que no mapa da terra seja diminuída a área onde os homens se estejam matando uns aos outros, em guerras estúpidas como a do Vietname, a do Oriente Médio e tantas outras.

Que os preconceitos raciais, religiosos ou de qualquer outra espécie deixem de fomentar tantos ódios.

Que a ciência consiga desvendar os mais fantásticos mistérios do espaço sideral, mas que também descubra a cura para as doenças que ainda atormentam a humanidade.

Que os governantes promovam o desenvolvimento de seus países, mas que isto seja feito sem excluir o bem-estar da criatura humana e sem deixar que as oportunidades se restrinjam a uns em sacrifício dos demais.

Que os líderes políticos assumam um papel mais importante e construtivo onde quer que exerçam suas atividades, evitando as manifestações simplesmente demagógicas e adquirindo um maior senso de responsabilidade, de modo a que sejam úteis aos seus liderados, mesmo quando fôr preciso perder alguns votos ou colocar em risco a sua popularidade.

Que as autoridades se entendam mais harmoniosamente, cooperando umas com as outras, jamais concorrendo para que se dispersem as bases dinâmicas da sociedade e evitando sempre a criação de focos de discórdia.

Que ninguém se disponha a infundir no povo qualquer estímulo para a subversão da ordem, para a agitação social, para o desrespeito às leis, pois tudo isso influi de modo negativo na opinião pública e, em vez de solucionar os problemas existentes, consegue apenas retardar o desenvolvimento e atrasar as conquistas do homem no campo das liberdades.

Que tôdas as crianças tenham escola e carinho e cresçam sem temer o futuro, sem complexos, sem recalques, sem frustrações.

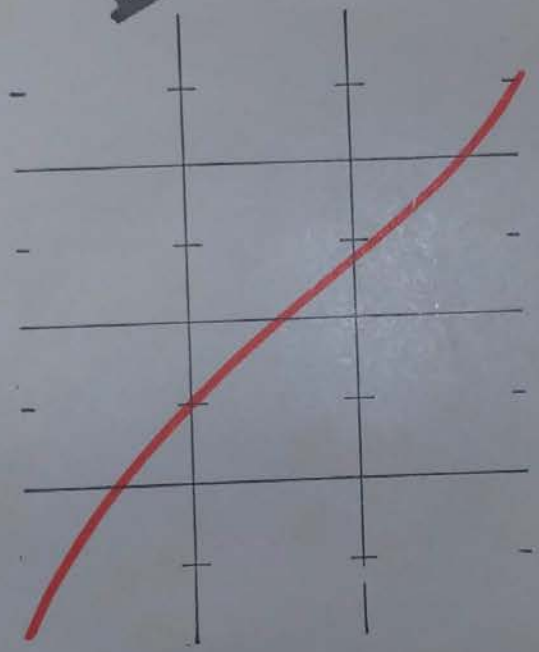
Que haja mais amor na prática da assistência social, mais objetividade, mais sinceridade, maior participação de todos os que são felizes na obra de amparo àqueles que sofrem pela fome, pela doença, pela ignorância.

Que os homens, criaturas de Deus, estejam mais próximos do Criador e nêle se inspirem para uma vida voltada para o bem e a paz.

Que pelo menos um pouco de tudo isso se realize neste ano nôvo.

É o que podemos desejar nesta época de tantas esperanças, quando estacionamos num pôsto de abastecimento do otimismo e nos preparamos para mais uma jornada da vida.

COMPROVADA RESISTÊNCIA DO CIMENTO MARINGÁ



Ensaios de resistência a compressão efetuados diàriamente com o Cimento Portland MARINGÁ, apresentaram a seguinte média:

3 DIAS - 150 Kg/cm2
7 DIAS - 230 Kg/cm2
28 DIAS - 350 Kg/cm2

Inicio de pega - 2 horas e 30 min.

COMPANHIA DE CIMENTO PORTLAND

CIMENTO MARINGÁ PORTLAND

ESCRITÓRIO CENTRAL E VENDAS
RUA SÃO BENTO, 329 - 9.º
FONE: 33-3484
SÃO PAULO

FÁBRICA
ITAPEVA
FONE: 3
SÃO PAULO

2ª exposição-feira governador paulo pimentel - nacional

4ª exposição-feira de animais e produtos derivados em curitiba

16 a 24 | março | 1968
parque castelo branco